



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE HISTÓRIA

ROBERTO FERREIRA

**A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO COM OFICINAS PEDAGÓGICAS**

CAJAZERIAS-PB

2018

ROBERTO FERREIRA

**A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO COM OFICINAS PEDAGÓGICAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACS) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus de Cajazeiras/PB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Israel Soares de Sousa

CAJAZERIAS-PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764

Cajazeiras - Paraíba

F3831 Ferreira, Roberto.

A literatura de cordel no ensino de história: uma proposta de intervenção com oficinas pedagógicas / Roberto Ferreira. - Cajazeiras, 2018.

88f.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Israel Soares de Sousa.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2018.

ROBERTO FERREIRA

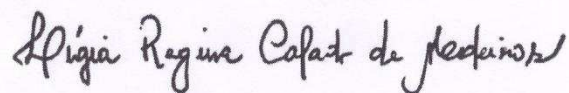
**A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA PROPOSTA
DE INTERVENÇÃO COM OFICINAS PEDAGÓGICAS**

Aprovada em 25 de Julho de 2018

BANCA EXAMINADORA



Prof.: Drº Israel Soares de Sousa (UFCG)
(Orientador)



Profª.: Drª Lígia Regina Calado de Medeiros (UFCG)



Prof.: Ms Laércio Teodoro da Silva (UFCG)

Prof.: Drº Rodrigo Ceballos (UFCG)
Examinador (a) Suplente

CAJAZEIRAS-PB

2018

Dedico ao meu querido irmão Paulo Ferreira do Nascimento (Paulinho), in memoriam, do qual a lembrança do sorriso será sempre a mais linda poesia!

AGRADECIMENTOS

A minha família como um todo, que fortalece as bases de sustentação da minha vontade de viver.

A meus amados pais, Francisco Ferreira do Nascimento, e Maria do Socorro Ferreira. Um sinônimo de amor incondicional.

Ao amigo Pedro Felipe (candeeiro), uma pessoa de espontaneidade e alegria contagiante.

À professora e amiga Ana Rita Uhle, pela amizade construída e todo o aprendizado compartilhado.

À professora Rosemere Olímpio de Santana, pelo apreço e experiências vivenciadas no PIBID. Subprojeto História.

À professora Roselene Alves de Melo, pela amizade construída, o puxão de orelha merecido, e todo o aprendizado que me proporcionou.

Às professoras do curso de Letras deste campus, Lígia Regina Calado de Medeiros, e Maria de Lourdes Dionízio Santos; e do curso de Geografia, Iveralda Dantas Nóbrega di Lorenzo, pelas atividades em parceria, amizade e carinho.

Ao professor e amigo Israel Soares de Sousa, que me orientou na conclusão deste trabalho.

Aos amigos da residência universitária, especialmente do quarto sete e oito.

Aos amigos do Centro Acadêmico de História, “cahistianos e cahistianas”, cuja convivência me faz levar daqui a ‘intera’ (a soma), de cada um.

Pra todo canto que eu óio vejo um verso se bulí.

Patativa do Assaré

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar e discutir a literatura de cordel como linguagem no ensino de História, explorando suas potencialidades didáticas por meio de uma proposta de intervenção com a construção de oficinas pedagógicas que valorizem a autonomia do aluno na construção do seu conhecimento, o contato com a linguagem artística e a criação poética. O cordel possibilita uma forma diferenciada de expor conteúdos e temáticas de uma maneira interativa e prazerosa, sem desviar-se da intencionalidade de promover uma prática docente comprometida com um ensino crítico e reflexivo. A poesia popular narrativa e impressa, além de ser uma forma de levar o lúdico para a sala de aula, promovendo experiências que somam ao desenvolvimento da sensibilidade dos sujeitos, apresenta-se como uma expressão da vida social e, deste modo, possibilita o contato com outras visões da realidade. Neste sentido, a sua utilização no ensino de História se constitui como uma possibilidade real de intervenção curricular que repercute no melhoramento do processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chaves: Literatura de cordel. ensino de História. criação poética. proposta de intervenção. oficinas pedagógicas.

ABSTRACT

The work analyze and discuss the Literatura de Cordel, a regional style of literature as a tool and language in history teaching, exploring its didactic potential, through a proposal of intervention with the construction of pedagogical workshops that value the students autonomy in the construction of their knowledge on contact with artistic language and poetic creation. Literatura de Cordel enables a new way of exposing contents and themes in an interactive and enjoyable way, without deviating from the intentionality of promoting a teaching practice committed to a critical and reflective teaching. The popular narrative and printed poetry, besides being a way of taking the playful to the classroom, promoting experiences that add to the development of the subjects' sensitivity, presents itself as an expression of social life and, thus, enables the contact with other visions of reality. Therefore, its use in the teaching of History constitutes a real possibility of curricular intervention in the improvement of the process of teaching and learning.

Key Words: Literatura de Cordel; teaching History; poetic creation; proposal for intervention; pedagogical activities.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
A caminhada	9
O processo de criação.	13
1. CORDEL: BREVE HISTÓRIA NO BRASIL, ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS.	17
1.1 A saga dos folhetos.	17
1.2 Sextilhas e versos de sete pés	22
1.3 A poesia no ritmo da vida	24
1.4 As ilustrações	26
1.5 Algumas variantes da escrita do cordel	27
1.6 Pelejas	28
1.7 Folhetos de circunstância.....	30
1.8 Folhetos de ABCs	33
1.9 Romances.....	34
2. LITERATURA DE CORDEL E ENSINO DE HISTÓRIA	36
2.1 Cordel: Poesia no ensino de História.	36
2.2 História e Literatura, Cordel e Ensino de História.....	37
2.3 A temática social, folhetos circunstanciais e personagens históricos.....	40
2.4 A construção de sentidos por meio da leitura das capas	42
2.5 Um passeio pela poesia de cordel nas aulas de História.....	47
3. CORDEL NA AULA DE HISTÓRIA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COM OFICINAS PEDAGÓGICAS	57
4. PROPOSTA DE OFICINA: O CANGAÇO	63
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	69
REFERÊNCIAS	71
ANEXOS	73

INTRODUÇÃO

Telebrança

T
E
Lembrança
A

Cada passo é uma pincelada
Onde os olhos esquadrinham.
E assim a caminhada pinta as paisagens da memória.
(texto do autor)

A caminhada

Cheguei até aqui. Posso afirmar que a caminhada foi difícil, mas prazerosa; marcada por muitos desafios, mas também por alegrias, amizades, abraços e sorrisos, e, sobretudo, muito aprendizado. Faltam-me adjetivos para se referir-me à poesia, em particular à Literatura de Cordel, esta em contato logo após a cantoria de viola, que em criança despertava a curiosidade logo nas primeiras horas da manhã, quando as ondas do rádio espalhavam as proezas dos cantadores. Era preciso acordar cedo, se não perdia o carro de ir para a escola. Recordo com clareza da caminhonete azul, apelidada de *Jurumba*, conduzida pelo sorridente seu Dedé, da localidade do sítio Deserto, zona rural de Barro, CE, até o distrito de Santo Antônio, a dezoito quilômetros da sede do município.

Meu pai, popular e carinhosamente chamado de “Chico Ferreira”, ainda mantém-se como um bom ouvinte de rádio, principalmente na hora em que faz o primeiro café e faz questão de repetir o gesto tantas vezes vivido de entregar no quarto do casal dizendo: Socorro, pega teu café.

A arte popular me encanta em sua espontaneidade na qual a cultura se faz viva. A infância no sítio foi marcada por diversas manifestações apaixonantes. Em dia de renovação na casa de famílias da vizinhança, o canto dos bem-te-vis misturava-se com a música das bandas cabaçais, que tocavam em alvoradas. Era um dia animado e verdadeiramente fraterno. Chegando a noite, ao fim da reza, os repentistas começavam o seu espetáculo, encerrando a noite com um malabarismo de poesia.

Chegaremos ao cordel, mas antes do contato com a leitura de folhetos, veio a arte de ouvir. Quando criança, eu era conhecido como “o menino que contava estória”. Mas para contar, eu aprendi a ouvir com atenção e a guardar na memória. De tanto contar estórias e sextilhas memorizadas, aprendi entre as brincadeiras que também podia escrever, improvisar e também inventar estórias.

A escola sempre se configurou como um ambiente estimulador, onde pude compartilhar das minhas habilidades em eventos realizados. Recordar como estas experiências me ajudaram até aqui, me faz querer ver a mesma alegria em outros olhares, com atenção especial para o espaço escolar.

Cheguei até a universidade, onde o contato com o novo gerou turbulências e confusões, mas também possibilitou o surgimento de uma rede de trocas culturais que acrescentou muito em minha bagagem. Daqui levo muito de meus amigos de curso, de colegas que conheci em eventos, dos meus professores e de autores que proporcionaram leituras prazerosas e reveladoras. Tudo isso reforça o meu compromisso para com a educação e a escola, lugar da minha atuação.

Ressaltando experiências pessoais, as atividades de estágio supervisionado proporcionaram experiências somatórias. No entanto, fui contemplado com outras vivências que não seriam possíveis apenas nas disciplinas de estágio. Entre elas, as atividades desenvolvidas como bolsista do Programa de Iniciação a Docência, PIBID, coordenada em um primeiro momento pela professora Dr^a Rosemere Olímpio de Santana, e depois pelos professores Dr^a Ana Rita Uhle, e Dr^o Israel Soares de Sousa. Creio que poucos discentes tiveram a oportunidade de participar do programa durante toda sua vigência.

No contato com a escola, confrontei com uma realidade marcada por desafios. Entre estes, que não são poucos, toma destaque para o enfoque desta pesquisa, a dificuldade dos alunos com a prática da leitura, escrita e compreensão de textos, sendo esta uma realidade ocorrente na maioria das escolas.

Também pude constatar que a escola, por sua vez, está marcada pela presença de talentos diversos. Encontramos em nossas escolas alunos que têm habilidades artísticas na dramatização, na dança, no canto, na produção de textos poéticos, no desenho, e até em atividades artesanais.

Outras experiências também desempenham motivação para a conclusão deste trabalho, em momentos em que pude experimentar a poesia de cordel com públicos diversos. Como a participação em atividades culturais promovidas nas ocupações das escolas e universidades públicas, no ano de 2016, em meio ao cenário de desmonte político, que levou a um ataque

brutal à educação pública. Além de debates e formações políticas, as atividades idealizadas nestas ocupações incluíam também poesia e neste contexto pude realizar experiências com oficinas de literatura de cordel em Cajazeiras, no sertão paraibano, e em Campina Grande, região agreste do estado.

No mesmo ano, participei como voluntário de um projeto de extensão na escola Maria Guimarães Coelho, localizada no bairro São Francisco, área considerada periférica da cidade de Cajazeiras, PB. O projeto “Meu lugar na escola, meu lugar no mundo: construindo experiências de protagonismo e autonomia entre estudantes do Ensino Fundamental II por meio da educação e da arte”, coordenado pela professora Dr^a Ana Rita Uhle, despertou um interesse pelo amadurecimento de um olhar mais sensível, no tocante à compreensão da subjetividade dos alunos. Despertar este olhar sensível fez querer desenvolver esta sensibilidade nos educandos, e como instrumento facilitador, a minha escolha segue sendo a poesia na sala de aula, mais especificamente, a literatura de cordel.

Algumas escolas me convidaram para a realização de oficinas, e nestes momentos ao convite, mantive a intenção de despertar o interesse pela poesia de cordel, a curiosidade por sua história, ou desafiar de aventurar-se na prática de sua escrita particular. Uma das oportunidades mais vantajosas para o amadurecimento da ideia deste trabalho; diz respeito ao convite da escola em que dei meus primeiros passos de poeta escritor, a escola, Joaquim Alves Pereira, situada no distrito de Santo Antônio, zona rural de Barro CE onde participei como instrutor de oficinas na modalidade Literatura de Cordel pelo programa Mais Cultura nas Escolas. Tal programa é uma ação desenvolvida em parceria com o Ministério da Educação e regulamentada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE, sendo este o órgão de origem dos recursos.

Na escola pública, ainda obtive boas experiências com oficinas, destacam-se entre elas, Escola Estadual de Ensino Profissionalizante (EEEP), José Osmar Plácido da Silva-Barro- CE, e Escola de Ensino Médio (EEM) Monsenhor Antônio Feitosa-Missão Velha- CE.

As vivências e experiências compartilhadas me colocaram nos trilhos da arte. No trem da poesia, cada verso é um vagão que transporta sonhos, fantasias, alegrias e também a denúncia e crítica social. O público foi diverso, e conseqüentemente, a troca cultural foi riquíssima.

Na formação acadêmica, ainda, participei como ministrante da oficina, “A Literatura de Cordel como linguagem no ensino”, durante a VI Semana de Geografia, SEMAGEO, UFCG Cajazeiras - PB. O que abriu as portas para outro evento, com oficina realizada sob o

título “A Xilogravura em Rosa”, dentro da programação do “Seminário Guimarães Rosa, do sertão a travessia,” realizado pelo grupo de estudos avançados em Literatura – GAEL, do Centro de Formação de Professores, CFP- UFCG, Cajazeiras.

Além das oficinas, a participação em coletâneas e recitais acrescentou muito em minha bagagem. Em 2017, fui selecionado para a mostra literária da 10ª Bienal da UNE (União Nacional dos Estudantes), realizada na cidade de Fortaleza CE. Também são de grande importância às participações nas “mostras de poesia Abril para Leitura,” do Centro Cultural Banco do Nordeste, Sousa - PB, nas edições, a saber: “2ª Mostra de Poesia Abril para Leitura- edição Leandro Gomes de Barros”, 2015; “3ª Mostra de Poesia, Abril para Leitura- edição sesquicentenária Euclides da Cunha,” 2016; “4ª Mostra de Poesia, Abril para Leitura- edição Maria Valéria Resende”; 5ª Mostra de Poesias Abril para leitura, edição Ana Miranda, 2018. Acrescenta-se a experiência também a participação no recital e publicação no livro “Festival, Vamos fazer poesia, coletânea de poesias, Serra Talhada, PE.” 2017.

Na música, guardo com estima as alegrias e recordações de meus primeiros festivais da canção, com as músicas: “ciranda da ladeira”, canção premiada em segundo lugar no Festival de Marchinhas, Barro CE 2017; e segundo lugar no “Festival Canta Barro 2018;” e a canção “Saga de um Girassol”, canção premiada em segundo lugar no Festival Canta Barro, Barro CE em 2017, e no Festival da Canção de Missão Velha, organizado pela Universidade Regional do Cariri, Urca, 2017.

Os trabalhos com a poesia não acabam por aí. Atualmente sou colaborador em um projeto de extensão do IFPB Cajazeiras, intitulado “Projeto Escrita Criativa e confecção do livro cartoneiro”, que se realiza todas as primeiras quartas do mês, a “Poesia de quarta”, é um sarau e um espaço interativo com feira de troca de livros. Neste projeto, ministrei a oficina, “Dando corda ao Cordel”.

Tais vivências além de melhorar a preparação para a vida docente, contribuíram para a execução de um trabalho com maior segurança quanto às práticas de ensino, numa realidade em que se cobra cada vez mais dos professores, que respeitem e aprimorem as múltiplas inteligências e subjetividades.

O que apresento neste trabalho tem mais do que autores como referências. Ele é fruto de um amadurecimento tanto teórico como prático, de leituras, de práticas docentes, da minha

criação poética, e conduz as experiências para o campo da concretização de propostas inovadoras em sala de aula.

A escola é meu campo de atuação. E assim, uma caminhada que surgiu nas primeiras rimas dos tempos de escola, retorna a mesma, só que agora, com a perspectiva de um poeta e professor.

O processo de criação.

Escrever este trabalho foi desafiador. Sua materialização é um exposto de parte do que foi realizado até aqui, e deste ponto, ainda há muito para ser feito. As experiências mencionadas e o contato direto com a escola são o alicerce de toda esta trajetória que aqui não se encerra.

Ao transformar esta trajetória numa pesquisa acadêmica, devo muito aos programas que me colocaram dentro da escola. Por isso, foi pensada aqui em uma pesquisa que buscasse trazer uma proposta de intervenção, que se aplicasse à realidade escolar e não simplesmente recolhesse dados e analisasse documentos oficiais. Surpreende também que, em um centro de formação de professores, ao longo de quatro disciplinas de projeto de pesquisa, não se discuta com a devida atenção a possibilidade do campo de atuação como a sala de aula também ser um campo de pesquisa amplo.

Experimentei o ensino atrelado ao cordel com públicos diversos, assim, diversificando ainda mais, esta proposta é direcionada a professores de História que queiram somar experiências culturais e lúdicas à construção do saber histórico em sala de aula, valorizando o protagonismo dos alunos com a aplicação de oficinas pedagógicas que também incentivem a criação poética e artística.

Uma proposta de intervenção com oficinas pedagógicas traz a possibilidade de romper com uma rotina escolar cristalizada em práticas repetitivas, pois proporciona o protagonismo estudantil, valoriza a experiência prática e torna o conhecimento uma construção coletiva, além de torná-lo melhor socializado.

Trazendo esta perspectiva para o ensino de História, deparei-me com um campo grande de possibilidades, mas com poucas produções. Esta realidade apresentou dificuldades, porém, aos poucos os caminhos foram sendo descobertos. Muito me alegra que, para a conclusão deste trabalho, pude contar com pesquisas de amigos e estimados professores do próprio curso, pessoas com quem aprendi no dia-a-dia, e ainda mantenho laços de amizade e

consideração, como a antecipada monografia do estudante, jovem e dedicado pesquisador, José Rodrigues Filho (2017), o livro, fruto da pesquisa monográfica do professor e pesquisador Guerhansberger Tayllow Augusto Sarmiento (2017), a da pesquisa da professora Rosilene Alves de Melo (2010), e uma forma menos explorada, mas muito significativa, da professora Maria Lucinete Fortunato (2008).

Importantes leituras foram fundamentais na descoberta destes caminhos. Alguns caminhos, em algum momento cruzam com outros, e assim a caminhada não se faz solitária, pois o diálogo está presente e é interdisciplinar. Desta forma, cumpre informar que parte das leituras realizadas não são produções de historiadores, nem pensadas para o campo do ensino, mas, por sua vez, foram de total importância para a construção deste trabalho.

Entre essas, o ponto de partida foi o livro “Cordel na sala de aula”, de Elder Pinheiro e Ana Cristina Marinho Lúcio (2001). Com importantes acréscimos e sugestões metodológicas, a mesma obra é reeditada em “*O cordel no cotidiano escolar*”. (2012). As publicações são resultado de suas experiências no ensino de conteúdos de linguagens na educação básica, e constroem um riquíssimo material para professores que tenham interesse em trabalhar com a Literatura de Cordel na sala de aula, apresentando o cordel em sua diversidade e possibilidades.

Para entender como o cordel registra a história nacional, elaborando uma crônica popular de sua época, a obra de Mark Curran, *História do Brasil em Cordel* (2003), representou a chave para muitas questões. Contribuiu para identificar os principais personagens históricos, temáticas e eventos que desencadearam inquietações no cotidiano dos poetas cordelistas e foram transmitidas em narrativas em versos, além de mostrar como o olhar do poeta está presente na sua escrita, seus valores, sua tradição, sua cosmovisão.

Cabe aqui elencar duas questões importantes e distintas sobre o mesmo objeto de estudo. A primeira com certa dominação espontânea, proporcionada pela condição de poeta; a segunda como curiosidade e inquietação parcialmente saciada, vindo a se tornar parte desta pesquisa. São elas respectivamente: as expressões rítmicas da poesia de cordel, sua musicalidade natural dialogada com os espaços de vivência, sendo o ritmo uma potencialidade natural, compreendida aqui, a partir das leituras de Alfredo Bosi (2000), e Norma Goldstein (2000); e o processo editorial do Cordel, aspectos históricos, e sua relação com a realidade social e cultural. Para a compreensão deste último, o desenvolvimento desta pesquisa foi proporcionada principalmente a partir das contribuições da pesquisadora Rosilene Alves de Melo (2010).

Pensando na possibilidade de ensinar História por meio da Literatura, o cordel como documento em sala de aula, e na aplicação deste recurso no ensino, foi de grande importância as contribuições das pesquisadoras Maria Kátia Abud (2013) e Circe Fernandes Bittencourt (2008), além da pesquisadora Maria Ângela de Faria Grillo (2003), sendo desta terceira, a leitura mais específica na relação com a proposta deste trabalho.

O estudo do cordel ultrapassa as possibilidades da construção de narrativas, podendo ser um recurso eficiente em sala de aula para o desenvolvimento de um olhar capaz de efetuar uma leitura crítica. Nesta relação, as ilustrações nas capas também são compreendidas como textos articuladores de sentidos. Sentidos que não são dados em si, uma vez que o sentido do texto se constrói a partir deste, como constata Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2013). Sendo assim, a leitura da imagem não se faz de forma isolada, a imagem pela imagem, como demonstra José Rodrigues Filho (2017). As imagens das capas, independentemente do tipo de ilustração, se configuram como um texto visual que não se desvincula de seu processo de produção, circulação e recepção. Neste ponto, são de importância fundamental as contribuições da historiadora Ana Maria Mauad (1996).

O primeiro capítulo apresenta o objeto de estudo, o folheto de cordel, trazendo um breve panorama histórico de sua trajetória de produção e circulação, características, principais temáticas, modalidades de escritas particulares, sua estrutura e recursos poéticos, seu ritmo e musicalidade, principais tipos de estrofes e questões que envolvem a sua métrica.

O segundo capítulo explora, mais a fundo, as suas potencialidades didáticas no ensino de História, valorizando as sensibilidades por meio de experiências inovadoras, e alerta para questões e cuidados que devem ser tomados, tais como o reconhecimento de sua linguagem particular; de suas produções como artefatos culturais que não se desvinculam do contexto de produção e circulação; do cuidado de compreender as ilustrações nas capas como textos articuladores de sentidos, e da análise crítica de suas narrativas.

A inserção do cordel parte de um conteúdo programático. Assim, no terceiro capítulo, apresento uma proposta de intervenção com oficinas pedagógicas, que valorizem os processos de criação e a construção do conhecimento histórico de maneira a destacar o protagonismo e a autonomia dos sujeitos envolvidos, além de proporcionar mais do que o contato, o estímulo e a criatividade, ressignificando os novos saberes por meio de linguagens artísticas, como a escrita da poesia e a dramatização ao recitar. Levando em consideração o grande repertório das narrativas, a temática escolhida para as oficinas foi o **Cangaço**.

Ressalto mais uma vez para dizer que, que a proposta de oficinas foi pensada para ser adaptada a contextos particulares, e não como um guia didático pronto e inalterável. Convido-

lhe a seguir pelo caminho desta leitura. A expectativa é que esta seja útil e somatória às suas experiências docentes.

1. CORDEL: BREVE HISTÓRIA NO BRASIL, ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS

1.1 A saga dos folhetos

Rima, musicalidade, liberdade de pensamento e de expressão são algumas das características dos folhetos de cordel, uma poesia impressa de caráter popular que se configura como instrumento importante na representação da realidade cotidiana e do imaginário.

A expressão “literatura de cordel” foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras em aproximação com os que aconteciam em terras portuguesas. Em Portugal, eram vendidos a baixo preço, pendurados em barbantes. (PINHEIRO e LÚCIO, 2001, p. 13).

Possui como um dos seus traços mais marcantes, o fato de ser uma poesia narrativa de forte relação com o cotidiano. A literatura de cordel assumiu finalidades diversas, fazendo parte da vida social de muitos sujeitos, se consolidando como uma das expressões culturais mais autênticas do Nordeste brasileiro.

Por meio de seus versos, os cordelistas contam histórias ricas em detalhes, escritas sobre diversos temas, marcantes no cotidiano e no imaginário. Quando recitado e nas feiras, nas rodas de conversas e no espaço do lar, o cordel além de trazer as notícias, pelepas, romances criativos entre outras poesias, encantava com sua variedade de recursos poéticos, proporcionando uma interação recíproca e atraindo a atenção dos ouvintes.

A afirmativa mais compartilhada é de que no Brasil, os primeiros folhetos foram trazidos pelos portugueses na colonização. No entanto o folheto brasileiro apresenta particularidades que o diferencia dos que circulavam na Península Ibérica e outras regiões da Europa. Importantes estudos como a pesquisa que correspondeu à tese de doutoramento da pesquisadora Márcia Azevedo de Abreu, *Cordel português/folhetos nordestinos: confrontos, um estudo histórico comparativo* (1993), nos aproximam da compreensão de como os cordéis impressos no Brasil, encontraram sobretudo na região Nordeste, condições específicas, econômicas, culturais, e sociais, um terreno fértil para sua propagação e aceitação, e o

estabelecimento de características próprias. Cabe destacar que considerando nossa formação cultural e social, apesar de dominarem os discursos acadêmicos, é inviável a reprodução do discurso cristalizado que praticamente determina a hegemonia das raízes europeias na formação cultural brasileira. A reprodução deste discurso leva a desconsiderar a participação de outros atores sociais de papel não menos importantes.

Foi no território brasileiro, essencialmente no Nordeste, que se estabeleceram as características que se consolidaram nesta literatura. Sua estrutura básica como conhecemos hoje, teve o paraibano Leandro Gomes de Barros como pioneiro, e seguido por uma geração de poetas escritores que mantiveram estas características estabelecidas entre o final do século XIX e o início do século XX, Como afirmam os autores:

As características dos folhetos se definem no período que vai do final do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX. Leandro Gomes de Barros inicia a publicação de seus folhetos em (1893 e é seguido por Francisco Das Chagas Batista (1902) e João Martins de Athayde (1908)). Neste período se estabelecem as regras de composição e comercialização das obras e se constitui um público. (PINHEIRO e LÚCIO, 2001, p. 15).

Tão importante quanto Leandro Gomes de Barros para o estabelecimento das características dos folhetos, foi João Martins de Athaide, uma das principais referências da Literatura de Cordel. A este Pinheiro e Lúcio (2001) atribuem as definições gráficas da impressão a partir da década de 1920, quando se estabeleceu um padrão de número de páginas para as especificidades dos folhetos. Os autores apontam que:

Na década de 20, graças a João Martins de Athaide, as características gráficas dos folhetos foram estabelecidas: 8 a 16 para as pejeas e folhetos de circunstância; 24 a 56 páginas para os romances. Para publicar uma pejea de 16 páginas, por exemplo, eram necessárias apenas duas folhas de papel tamanho ofício (PINHEIRO e LÚCIO, 2001, p. 17).

Com novos aspectos culturais surgem também novas concepções e descrições de novos fatos que passam a ser agregados aos conteúdos dos folhetos de cordel dando-lhe uma diversidade temática ainda maior. Os poetas se inspiram nos fatos do dia-a-dia, nas histórias contadas, assim como sua escrita também pode abordar fatos sociais, ficção, romance, religião, histórias que trazem em seus enredos uma trama marcada por reis, princesas e

cavaleiros, sobre o cangaço, histórias de esperteza, e personagens históricos, como Padre Cícero, Lampião, o Presidente Getúlio Vargas, dentre outros, mantendo sempre uma relação com o cotidiano, identificando-se com o seu público.

As narrativas em versos com sua riqueza de recursos poéticos, como por exemplo, a musicalidade, o ritmo e as rimas, podem ter sua trama facilmente memorizada. Isso faz com que também possam ser reproduzidas e recontadas. O cordel quando lido ou cantado em feiras, nos sítios e fazendas prendia a atenção dos ouvintes, que, dentre muitos, não tinham o privilégio de saber ler. Em decorrência desta circunstância, a difusão pela oralidade e a memorização se tornou ocorrente.

De todo modo, os folhetos estavam presentes na vida social de muitos sujeitos letrados ou não, em diferentes situações cotidianas, assumindo finalidades distintas.

Segundo Melo (2010, p. 59):

A leitura desses frágeis livros tinha finalidade diversa: ajudavam a aliviar o fatigante trabalho agrícola, estava presente nos momentos de descanso quando as pessoas se reuniam para ouvir as narrativas em verso, e as “histórias de trancoso”, e com as histórias de ABC, contribuía para iniciar os leitores no restrito universo da escrita. Esta característica da literatura de folhetos- a leitura coletiva contrapõe-se a outras formas de expressão literárias e escritas que é o texto fluído solitariamente e em silêncio.

Ao proporcionar a leitura coletiva e colocar sujeitos em convívio com a escrita e a leitura em comunidades de maioria analfabeta, os folhetos também se tornam facilitadores na alfabetização pelo contato com textos que circulavam. Nesse contexto, o acesso à instrução, entre outras desigualdades, entre os centros urbanos maiores e o interior se davam ainda mais acentuadas. Logo, o cordel se efetiva como uma opção mais acessível e de baixo custo e presente no dia a dia do sertanejo.

Em *Arcanos do verso*, obra em que Rosilene Alves de Melo analisa a trajetória da Tipografia São Francisco, uma das maiores especializadas na impressão de folhetos, que funcionou em Juazeiro do Norte. A autora aponta o final do século XIX como início da publicação de folhetos em escala maior. A inserção de novas temáticas e situações, o surgimento de narrativas brasileiras diversificando o leque de possibilidades, a consolidação

da cantoria como espetáculo popular e o início da circulação de impressos nacionais são fatores que contribuíram de forma significativa para a efetivação desta expressão literária.

Como afirma a autora:

No Brasil a saga da literatura de folhetos inicia ao final do século XIX, quando os cordéis começaram a ser sistematicamente produzidos e comercializados em larga escala. A afirmação da cantoria como espetáculo popular, o aparecimento de narradores brasileiros que introduziram novas temáticas ao consagrado repertório europeu e a circulação dos poemas através dos jornais propiciaram condições favoráveis para a consolidação deste gênero literário. (MELO, 2010, p. 57).

A autora afirma que dentre as condições históricas que possibilitaram a transmissão dos relatos orais para meios impressos, pode-se destacar como um dos fatores principais, a consolidação da imprensa no decorrer do século XIX, dando a possibilidade de poetas brasileiros publicarem poemas de suas autorias. O marco inicial para a imprensa brasileira só foi possível a partir de 1808, com o advento da instalação da Família Real no Rio de Janeiro e a criação da imprensa Régia; antes disto, todos os impressos que circulavam no Brasil eram trazidos de Portugal. Esta abertura foi fundamental para o surgimento dos primeiros jornais e tipografias. Esta ainda pequena, mas expressiva circulação de impressos brasileiros, mesmo com a censura por parte da corte, abriu caminho para que um significativo movimento editorial desse seus primeiros passos.

Já consolidada a impressão de jornais a partir do final do século XIX, o mercado de impressos começa progressivamente a ampliar seu campo de produção por meio do aperfeiçoamento tecnológico, tornando os folhetos mais fáceis de serem produzidos. As inovações tecnológicas na publicação gráfica ao passo em que o mercado possibilitou que empreendedores da área investissem na importação de maquinário, também fez cair o preço das antigas máquinas tipográficas, dando a possibilidade de pequenos empreendedores ingressarem no mercado de impressos.

Neste contexto, a produção e circulação de folhetos adquirem crescente expressão popular atingindo um público cada vez maior no interior e em algumas capitais, mas foi nas áreas mais sertanejas, com o predomínio de um meio de vida rural em que o folheto de cordel adquire maior relação com o cotidiano das pessoas. Estes sujeitos eram em sua maioria

trabalhadores, muitos das zonas rurais, nos engenhos, fazendas e pequenas vilas, que em dia de feira mudavam a rotina pacata das cidades, multiplicando os passos na rua que parecia estreitar; e entre as vozes que anunciavam produtos a serem vendidos ou trocados, os folheteiros, muitas vezes autores e vendedores dos seus folhetos, anunciavam os romances, pelejas, ABCs¹, dentre outras variações e modalidades, provocando o contentamento no leitor além de exercer função de meio de informação, dependendo do conteúdo do folheto.

Este público consumidor do mercado de folhetos se manteve ativo ao passo em que a produção também se mantinha em alta principalmente nas primeiras décadas do século XX. De certa forma, as atividades econômicas possibilitaram um aumento não grande, mas significativo do poder aquisitivo destes trabalhadores. Pode-se reiterar que o aumento da circulação não foi proporcionado apenas pelo aumento do público ouvinte e que consequentemente comprava folhetos, mas sim também por razões econômicas e tecnológicas que surtiram efeito no cotidiano e no universo da literatura de cordel.

As feiras livres, realizadas geralmente em um dia específico da semana, tiveram um importante papel como ambiente centralizador para a comercialização de folhetos. O estabelecimento da feira como espaço dinâmico, abre caminho para que muitos sujeitos buscassem na venda de folhetos, o seu sustento diário. Este mercado de folhetos não foi apenas efervescente nas feiras, pois se construiu uma rede editorial complexa, fez crescer o controle sobre a mercadoria em circulação e os lucros obtidos. Tudo isso só foi possível em virtude da criação de uma organizada rede de distribuição de folhetos em cidades com expressivo contingente de migrantes, colocando a literatura de cordel no Brasil em seu apogeu, entre as décadas de 1930 e 1960.

Apesar das previsões de seu fim eminente, o cordel resiste, e da mesma forma que esteve presente no cotidiano de muitos, ainda pode fazer parte do dia a dia. As manifestações culturais se resignificam, a cultura é dinâmica e coletiva e, além disso, não é estática, pois “o processo de desenvolvimento da civilização é claramente acumulativo: conserva-se o antigo apesar da aquisição do novo” (LARAIA, 1986, p 40). Não se pode perder de vista, nem esquecer que o cordel dialoga com outros suportes e linguagens e pode ser lançado em formatos diversos, como vem ocorrendo; antologias, livros infantis e com o advento das tecnologias digitais, também em aproximação com formatos eletrônicos. Assim, assumindo

¹ Os ABCs são folhetos de cordel que discorrem de um assunto de A a Z. Cada estrofe se inicia com uma letra do alfabeto em sequência, a partir da letra A e assim sucessivamente.

uma nova roupagem, a sua relação e identificação com a realidade de muitos sujeitos se mantém.

1.2 Sextilhas e versos de sete pés

Segundo Marco Haurélio:

Os poetas populares costumam afirmar que o cordel se equilibra em um tripé que o caracteriza e, de certo modo o define. Esse tripé é composto por rima, métrica e oração. Métrica e rima dispensa definição. O mesmo não se pode dizer da oração, que para os poetas é aquilo que dar sentido ao texto (2013, p. 111).

De forma encantadora, a maioria dos poetas que escrevem cordel e gêneros semelhantes, assim também as narrativas orais improvisadas detém um domínio de precisão métrica que para muitos é espontânea. É intrínseco a cada um esta espontaneidade, os que não possuem a mesma facilidade necessitam de um tempo maior para a construção das narrativas. Além da precisão dos enredos, necessária à aceitação do folheto pelo público, a escrita particular do cordel possui regras rígidas e fixas. A rima, elemento marcante de sua caracterização, deve ser mantida e a métrica, regular, respeitada rigorosamente. Assim como a poesia mais clássica, como, por exemplo, os sonetos, o cordel não suporta mutilações em sua estrutura.

O tipo de estrofe mais empregado é a sextilha, estrofe de seis versos de sete sílabas poéticas, também chamado de redondilha maior. A sextilha é um tipo de estrofe também usual pelos cantadores repentistas, principalmente no início das cantorias. Em sextilha foram escritos clássicos consolidados da obra de Leandro Gomes de Barros, como *História de Juvenal e o Dragão*, *História da Donzela Teodora*, *Os Sofrimentos de Alzira*, *O cachorro dos mortos*, *O cavalo que defecava dinheiro*, *Peleja de Manoel Riachão com o Diabo*, *Vida e testamento de Cancão de Fogo*, *História do boi misterioso*, *Casamento e divórcio da lagartixa*, entre outros do grande acervo de sua obra.

Vejamus uma sextilha do folheto de cordel, *História do boi misterioso*, do autor mencionado:

Leitor, vou narrar um fato(X)
 De um boi da antiguidade(A)
 Como não se viu mais outro(X)
 Até a atualidade;(A)
 Aparecendo hoje um desses,(X)
 Será grande novidade.(A)
 (BARROS, s/d, p. 01).

O XAXAXA é referente ao esquema de rimas que é utilizado. A letra X indica os versos marcados pela ausência de rimas, ao passo em que a letra A indica os versos que rimam entre si, no segundo, quarto e sexto versos.

Para melhor compreensão, um recurso viável é fazer a escansão dos versos, dividindo em sílabas poéticas. Na escansão, diferente da separação de sílabas gramaticais, não se tem a palavra como unidade, mas sim o verso como um todo, pois o que se conta são os impulsos de voz utilizados para proferir a frase até a última sílaba tônica.

Escandindo esta estrofe, temos:

Lei/tor, / vou/ nar/rar/um/ fa/to
 De um/ boi/ da/ an/ti/gui/da/de
 Co/mo/ não/ se/ viu/ mais/ ou/tro
 A/té/ a a/tua/li/da/de;
 A/pa/re/cen/do ho/je um/ des/ses,
 Se/ rá/gran/ de/no/ vi/ da/ de.

Lei/tor, / vou/ nar/rar/um/ fa/to (sete sílabas poéticas).

Como na escansão, o verso é a unidade e a contagem é feita pelas sílabas poéticas; junta-se na mesma sílaba os encontros vocálicos, quando se tem uma vogal forte e uma fraca, num processo chamado elisão, como no quarto e quinto versos desta estrofe.

A/té/ a a/tua/li/da/de;
 A/pa/re/cen/do/ ho/je um/ des/ses,

Muitos autores optam por acrescentar um verso a mais às sextilhas, criando as septilhas, também conhecidas como estrofes de sete pés, como no folheto “A chegada de Lampião no Inferno,” do poeta José Pacheco da Rocha.

Um cabra de Lampião (X)
 Chamado Pilão deitado (A)
 Que morreu numa trincheira, (X)
 Num certo tempo passado (A)
 Agora pelo sertão (B)
 Anda correndo visão (B)
 Fazendo mal-assombrado (A)
 (ROCHA, s/d, p. 01).

O primeiro, o quarto e o sétimo versos são os que rimam entre si, além do quinto e do sexto. O primeiro e o terceiro, representados pela letra X são ausentes de rimas. O verso a mais na estrofe, além de dar mais conteúdo à narrativa, modifica também o efeito musical quando altera a alternância das rimas. Cabe ressaltar que estes tipos de estrofes não são as únicas empregadas em folhetos de cordel, no entanto, são as mais utilizadas pelos escritores, do cordel mais clássico ao cordel contemporâneo.

1.3 A poesia no ritmo da vida

A criatividade dos poetas impressiona tanto quanto a engenharia dos passarinhos do sertão, que graveto por graveto constroem seus ninhos nas galhas das árvores da caatinga. Assim como os passarinhos, os poetas também são construtores de qualidade e excelência comparável; cada palavra, a métrica, a rima e principalmente a trama, a história que envolve o leitor ouvinte é parte de uma seleção cautelosa.

No contato com a poesia de cordel, seja pela prática da leitura ou pela audição, facilmente notamos a sua musicalidade, percebendo seus elementos sonoros e seu ritmo marcante. Destacando o ritmo, cabe ressaltar que sua presença não está apenas na poesia, mas sim também no cotidiano, sendo que surge dentro das vivências. Assim, o ritmo termina por apresentar uma potencialidade natural e cotidiana do ser humano.

Para Alfredo Bosi (2000, p. 104):

Qualquer discurso por livre que seja faz-se mediante alternâncias; o puro pensamento assume com espantosa liberdade o modelo sintático da frase, mas enquanto atuação sonora, o pensamento acaba se dobrando a potencialidade natural do ritmo.

O ritmo está em cada época, também está no trabalho, nas atividades do dia a dia e até mesmo nas nossas funções biológicas, no caminhar, na respiração, na frequência cardíaca, por exemplo, podemos perceber sua alternância. Sendo assim, o ritmo também está presente nas produções artísticas, e de uma maneira especial, na poesia. O leitor de cordel, assim como também o ouvinte, no contato com as narrativas percebe esse lado sonoro e musical.

Como coloca Norma Goldstein (2000, p.07):

O ritmo aparece também na produção artística do homem. De um modo especial, na poesia. Como o ritmo faz parte da vida de qualquer pessoa, sua presença no tecido do poema pode ser facilmente percebida por um leitor atento, que é, ao mesmo tempo, um ouvinte. A poesia tem um caráter de oralidade muito importante: ela é feita para ser falada, recitada. Mesmo que estejamos lendo um poema silenciosamente, perceberemos seu lado musical, sonoro, pois nossa audição capta a articulação (modo de pronunciar) das palavras do texto.

Encontra-se, para tornar mais clara a relação da poesia com o ritmo no cotidiano, um exemplo mais preciso no galope a beira mar, modalidade usualmente empregada pelos repentistas na cantoria de viola. O galope a beira mar possui versos de onze sílabas poéticas (hendecassílabo), mantendo a mesma estrutura de estrofe de dez versos e o esquema de rimas em ABBAACCDDC, também usuais no martelo empregado nas pelejas.

Vejamos como exemplo, uma estrofe de um galope a beira mar, de minha autoria:

Cantando galope, ninguém me segura, (A)
 Na rima na hora, feita de improviso, (B)
 Tenho todo assunto, meu verso é preciso (B)
 Meu canto encanta qualquer criatura. (A)
 Poesia é mel, minha rima é doçura, (A)
 É fruta que colho nesse meu pomar. (C)
 Se quer desafio, pode se aprumar, (C)
 Que eu não canto torto, só canto apumado.(D)
 Se você não canta, então fique calado (D)
 Nos dez de galope, na beira do mar.(C)

Fazendo a escansão destes versos, temos:

Can/tan/do/ ga/lo/pe/nin/guém/ me/ se/gu/ra
 Na/ ri/ma/ na/ ho/ra/ fei/ta/ de im/pro/vi/so
 Te/nho/ to/do as/sun/to/ meu/ ver/so é/ pre/ci/so
 O/ meu/ can/toen/can/ta/ qual/quer/ cri/a/tu/ra
 Poe//sia é/ mel/ mi/nha ri/ma é/ do/çu/ra
 É/ fru/ta/ que/ co/lho/ nes/se /meu/ po/mar
 Se/ quer/ de/sa/fio/ po/de/ se a/pru/mar
 Que/ eu/ não/ can/to/ tor/to/ só/ can/to a/pru/ma/do
 Se/ vo/cê/ não/ can/ta/ en/tão/ fi/que/ ca/la/do
 Nos/ dez/ de/ ga/lo/pe/ na/ bei/ra/ do/ mar/

Can/tan/do/ga/lo/pe/nin/guém/ me/ se/gu/ra
 (onze sílabas poéticas)

As sílabas fortes são as sílabas 2,5, 8, 11.

Se atentarmos para analisar o ritmo neste tipo de estrofe, percebendo a articulação das palavras pronunciadas, destacando as sílabas fortes nas segunda, quinta, oitava e décima primeira sílaba, nota-se que a alternância faz lembrar o som de um galope, fazendo referência ao nome atribuído à modalidade. É possível usar o próprio corpo como percussão e marcar o ritmo, o que pode causar uma reação positiva em sala de aula.

O poeta tem ao seu dispor uma variedade de recursos particulares a linguagem poética, podendo também optar por variações, cada estilo com sua configuração métrica e como consequência uma riquíssima variação de ritmos, diversificando e dando intensidade ainda mais a identificação e interação entre o poeta e seu público, configurando também um recurso eficiente no espaço escolar.

1.4 As ilustrações

A capa de cordel possui uma propriedade interdisciplinar, dialogando com várias linguagens. Entender o universo das ilustrações das capas de Cordel requer um esforço e uma carga considerável de leituras. Ela assumiu modificações ao longo do tempo, porque acompanha as mudanças nas relações dos autores com diferentes contextos sociais e com as linguagens que os representam. Entretanto, as formas de ilustrações conservam a sua finalidade.

Os primeiros folhetos de cordel impressos no Brasil possuíam capas visualmente parecidas com capas de livros publicadas no século XIX, sendo que a concepção gráfica era com base em recursos tipográficos. Eram comuns fios, vinhetas e molduras, por exemplo. Essa popularização de capas ilustradas se consolidou com o editor paraibano João Martins de Athayde entre as décadas de 1910 e 1920. De acordo com (Melo 2010, p.107):

João Martins de Athayde foi um dos responsáveis pela introdução de imagens nas capas dos folhetos, quando passou a recorrer a desenhistas e caricaturistas que trabalhavam para o Jornal do Recife e para o Diário da Manhã para produzirem as ilustrações.

Os folhetos de Athayde estampavam ilustrações feitas em litogravura e zincogravura. Sua editora atuou como uma das maiores de sua época, funcionando entre os anos de 1909 e 1950 quando decidiu vender seus direitos de publicação para outro editor de renome, José Bernardo da Silva, proprietário da Tipografia São Francisco. Além das ilustrações feitas em litogravura e zincogravura, nessa época também se ilustravam capas com fotos de artistas de cinema, transferidas para o clichê de metal.

A xilogravura somente conquista seu espaço definitivo nas capas de cordel posteriormente. A tipografia São Francisco foi de grande contribuição neste processo. A xilogravura surge como alternativa de baixo custo e rápida distribuição. Nesse sentido era mais fácil e menos custoso optar por xilogravuras feitas de madeira do que comprar matrizes de metal vindas de Recife ou Fortaleza.

Helder Pinheiro e Ana Cristina Marinho Lúcio (2001, p.27) consideram que “os folhetos que hoje podem ser adquiridos nas bancas, ou nas próprias editoras, trazem nas suas capas duas formas diferentes de ilustração: reproduções de desenhos ou fotos coloridas (Editora Luzeiro) e xilogravuras de artistas populares.” A xilogravura assume destaque maior se consolidando como arte popular. Nomes como Minelvino Francisco da Silva, José Costa Leite, Expedito Sebastião da Silva, J. Borges, entre outros, são reconhecidos pela proeza de retratar à suas maneiras, o sertão, seu cotidiano e imaginário.

1.5 Algumas variantes da escrita do cordel

As variações na estrutura e na forma de escrita funcionam como uma espécie de fôrma, que como tal irá moldar e dar forma à poesia que irá derramar-se junto com a tinta negra nas páginas dos folhetos. Os conhecidos e renomados poetas de bancadas mais clássicos, como também aqueles que não tiveram o destaque e reconhecimento merecido, usufruíram bem destas variações consolidadas na literatura de cordel. Entre as variações mais popularizadas, Helder Pinheiro e Ana Cristina Marinho Lúcia destacam as pelejas, folhetos de circunstância, ABCs e romances.

1.6 Pelejas

As pelejas são uma aproximação mais fiel do que acontecia nos desafios travados por cantadores de viola em feiras e salões das fazendas. Nesta modalidade, cada poeta mostra suas habilidades no intuito de desqualificar o oponente. Eram construídos com base em desafios reais ou imaginários, geralmente em ritmo de martelo, em que os versos são decassílabos e com acentuação nas sílabas terceira, sexta e décima. Existem muitos desafios entre cantadores de renome que foram transpostos para as páginas dos folhetos. Para exemplificar, Pinheiro e Lúcio (2001, p. 21) reproduzem as últimas estrofes de uma das mais conhecidas, a peleja de Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira, de Silvino Pirauá de Lima. Inácio da catingueira era negro, filho de escravos e analfabeto: enquanto Romano era conhecedor das letras, oriundo de família abastada. Nesta peleja, Romano sai vitorioso por mensurar e silenciar o oponente com uma lista de nomes recolhidos da mitologia, como se pode notar na transcrição das últimas estrofes.

“Romano: Latona, Cibele e Réa
 Isís, Vulcano e Netuno,
 Minerva, Diana e Juno,
 Anfitrite e Androcéia
 Vênus, Climene, Amaltéia
 Plutão, mercúrio e Teseu
 Apolo, Ceres, Pandora
 Inácio desate agora
 O nó que Romero deu.

Inácio: Seu Romero desse jeito,
 Eu não posso acompanhá-lo
 Se desse um nó em martelo
 Ia ver eu desatá-lo

Mas como foi em ciência
Cante só que eu me calo.”

As peijas também podem ser construídas em sextilha, estrofe de seis versos contendo sete sílabas poéticas. Um exemplo é outra peija também bem conhecida, de autoria de Leandro Gomes de Barros, a peija de Manoel do Riachão com o Diabo. Vejamos as primeiras estrofes da peija:

"RIACHÃO estava cantando
Na cidade de Assu
Quando apareceu um negro
Da espécie de um urubu
Tinha a camisa de sola
E as calças de couro cru.

Beijos grossos e virados
Como a sola dum chinelo
Um olho muito encarnado
E outro bem amarelo
Esse chamou riachão
para cantar um martelo.

Riachao disse: ‘ Eu não canto
Com negro desconhecido
Porque pode ser escravo
E andar por aqui fugido
Isso é dá calda a nambu
E entra a negro enxerido.

N-Sou livre como o vento
A minha linhagem é nobre
Sou um dos mais ilustrados
Que o sol no mundo cobre
Nasci dentro da grandeza
Não conheço a raça pobre.

R-Você nega porque quer
Está conhecido de mais
Você aqui fugido
Me diga que o tanto faz
Se você não for cativo
Obras desmentem sinais.

N-Seja livre ou escravo
Eu quero cantar martelo
Alinhe sua viola
Vamos entrar no duelo

Só com a minha presença
O senhor está amarelo.”
(BARROS, s/d, p. 02).

Observa-se que nas duas pelepas citadas, uma em martelo e outra em sextilha, o personagem derrotado é negro, depreciado no primeiro pela ausência de certo saber científico ou instrução. É esta concepção um reflexo das desigualdades socialmente construídas, e com a possível condição de escravo fugido, no segundo, pelo seu fenótipo. O olhar dos autores, seus valores, sua leitura de mundo, constrói seus discursos. Discursos compartilhados coletivamente, carregados de valores, neste caso, expressando uma visão preconceituosa, um pensamento de uma sociedade que ainda carrega fragmentos do pós-escravidão e o preconceito racial alicerçado. Esta é uma discussão pertinente que deve ser observada, no entanto não será aqui aprofundada.

Nas pelepas, as disputas tinham o intuito de exaltar proezas e conhecimentos que engrandeciam os poetas. Poderiam partir para o lado do conhecimento científico, leituras diversas ou seguir pela depreciação do oponente.

1.7 Folhetos de circunstância

A literatura de cordel abarca variados temas e, entre os folhetos mais vendidos e procurados pelo público consumidor, um dos que mais se destacavam eram os folhetos de acontecidos, também chamados de folhetos circunstanciais, em que e os fatos do dia-a-dia de repercussão, notícias de destaque e personagens históricos, considerados importantes são mencionados na escrita dos poetas. Estas narrativas assumiram uma função de veículo de informação, fazendo com que fossem chamadas de jornal do povo, como coloca Marco Haurélio (2013, p.57).

A literatura de cordel abarca os mais variados temas, indo das histórias jocosas aos dramas históricos, passando por folhetos circunstanciais ou “de acontecido”, supervalorizados a ponto de o gênero ser chamado de o “jornal do povo”.

Estes folhetos circunstanciais possuem em sua maioria de oito ou dezesseis páginas e trazem, em uma linguagem poética mais fácil de ser assimilada, compreendida e memorizada, narrativas que além de entreter seu público consumidor de folhetos, também exerciam uma função de veículo de informação, propagando notícias. Poderia ser produzido sob inspiração de textos jornalísticos ou até mesmo antecipar os jornais locais. Muitos poetas tomaram isto como estratégia para manter a fidelidade do seu público, transmitindo notícias de forma rápida.

Mark Curran em *História do Brasil em cordel* (2003) traz uma seleção de textos que narram, em versos, eventos da contemporaneidade dos poetas que tiveram destaque no cenário local e nacional, repercutindo tanto nas mídias jornalísticas da época como também nos conteúdos dos folhetos de cordel. Sua obra traz um estudo que ressalta a importância da literatura de cordel, destacando a função de crônica poética, jornal popular e registro histórico. O seu estudo foi desenvolvido com base na reunião e análise de folhetos de cordel, cujas narrativas abordam episódios de cem anos da História nacional até o recorte estabelecido. Numa perspectiva cronológica, as primeiras narrativas selecionadas remetem ao conflito conhecido como a “Guerra de Canudos”, e encerra a sua seleção em folhetos que abordam o curto e conturbado governo de Fernando Collor de Mello. Trata-se de uma história construída poeticamente, por sua vez, à margem da história oficial, mas que apresenta com precisão o registro de fatos da história brasileira.

Sendo assim, o cordel narra em versos os conflitos sociais, políticos, anseios e denúncias sociais. Com base em seu estudo, o autor constata que o cordel:

[...] narra a história do Brasil tão bem quanto os livros de História, os romances, a poesia, as peças dramáticas, e que as ilustrações de capa de folhetos são tão reveladoras quanto a arte, a fotografia, o diapositivo, ou o filme. (CURRAN, 2003, p. 12).

As narrativas destes folhetos podem trazer notícias que tiveram destaque local e/ou nacional e até mesmo de repercussão a nível global, notícias que remetam a acontecimentos políticos, tragédias ocorridas e fatos que marcaram época. Por narrarem acontecimentos também são chamados de folhetos de época. Com exceção dos que se tornam clássicos por sua qualidade e aceitação do público, os folhetos desta natureza acabavam tendo um limitado tempo de venda.

No espaço das feiras, os poetas interagiam com o público leitor ouvinte, escutavam os comentários proferidos nas conversas e assim entravam em contato com assuntos de interesse da população, aproximando o pensamento do autor ao pensamento do povo. Nesta dinâmica, os fatos que chamavam atenção, a morte de um político ou religioso, um feito milagroso, entre outros acontecimentos, se transformavam no conteúdo que depois iria preencher as páginas dos folhetos.

Os autores não escreviam sem embasamento, tendo sempre referências locais ou nacionais. Fatos narrados em jornais e revistas, crimes, mortes de pessoas consideradas importantes, entre outras situações relevantes e cotidianas. Ao escrever sobre o mundo à sua volta, os poetas cordelistas também fornecem um riquíssimo material, também para o estudo de História local.

Janduhi Dantas, poeta paraibano, narra, em versos, um fato ocorrido na cidade de Cajazeiras PB, em 02 de junho de 1975. O evento ocorrido se trata de um atentado à bomba no cinema Apolo 11. O alvo seria às autoridades eclesiásticas, mais supostamente a Dom Zacarias Rolim de Moura, bispo da diocese de Cajazeiras. Segundo o autor do folheto, o bispo era simpatizante do modelo de governo em exercício que havia ascendido por meio do golpe militar de 1964.

Vejamos a primeira estrofe do folheto, *“O misterioso atentado ao bispo de Cajazeiras”*.

“Neste cordel conto um caso
Do tempo da ditadura
De um atentado a bomba
Que ocorreu, História pura
E o cenário é Cajazeiras
Terra rica de cultura.
(DANTAS, 2005, p 05).

Embora a circulação destes folhetos de circunstâncias não se apresente mais com as mesmas características, um mercado forte e um público consumidor que demandem e estimulem a comercialização, esta modalidade de escrita ainda é um recurso utilizado pelos poetas, em um mundo cada vez mais globalizado, em que as notícias circulam de forma cada vez mais rápida, aumentando o leque de possibilidades ao alcance dos cordelistas.

1.8 Folhetos de ABCs

Além das narrativas baseadas no cotidiano, também se tem a incidência dos folhetos de ABCs, nos quais os poetas demonstram na construção dos enredos o seu surpreendente poder de criatividade. Consistem numa modalidade de escrita de folhetos que discorrem de um assunto de A a Z, sendo que cada estrofe corresponde a uma letra do alfabeto. Estes folhetos de ABCs foram, para muitos, a maneira de entrar em contato com a leitura e escrita.

Tomemos como exemplo, as primeiras estrofes do folheto “ABC dos tubarões,” do poeta Minelvino Francisco da Silva.

“A
 Agora vou escrever
 Para todas multidões
 Um folhetinho engraçado
 Pra todas populações,
 A pobreza está queixando
 Que está se acabando
 Nas presas dos tubarões

B
 Bem sabem caros amigos
 Que a pobreza hoje em dia
 Não tem mais direito a nada
 É sofrendo em demasia
 Só encontra é tubarão
 Pra tomar seu ganha-pão
 Ninguém tem mais garantia

C
 Comparo nosso Brasil
 Com um verdadeiro mar
 E a pobreza [à] surdinha
 Que vive sempre a nadar,
 Sem ter alimentações
 E os grandes tubarões
 Querendo nos devorar”.

(SILVA, s/d, p. 01).

O poema é escrito em septilhas, e além das características específicas dos folhetos de ABCs, sua narrativa enuncia um ponto de vista que parte de um lugar de denúncia social. Explorar estas potencialidades em sala de aula representa uma forma de renovar as práticas de ensino.

1.9 Romances

Os romances também apresentam suas particularidades, estes são mais longos que os demais folhetos, contendo entre vinte e quatro e cinquenta e seis páginas. No geral, o tipo de estrofe empregado nesta modalidade é a sextilha, caracterizada pelas as rimas em ABCBDB.

Há presença de personagens, aspecto marcante nos romances, heróis, heroínas e em oposição a estes a presença de vilões. Nas primeiras estrofes dos romances, o leitor ouvinte já pode identificar o tipo de história, de mistério, amor, aventura, humor, e também o lugar onde se passa a trama.

Muitos remetem a um passado medieval, histórias de reis e façanhas heroicas em um tempo sem data estabelecida, mas que as tramas acontecem em maioria no cenário nordestino, com situações que extrapolam os recortes temáticos, mas que tem o contexto regional, suas relações sociais e particularidades como direcionadores da construção dos enredos visando à identificação como público.

As histórias embora se passem num tempo de reis e rainhas, num país distante, apresentam personagens com nomes bem conhecidos: João, Maria, Francisco, José. As paisagens são nordestinas, as comidas também, os desejos e sonhos. É sempre bom lembrar que os folhetos eram escritos para serem lidos em voz alta, nas salas das casas ou nas feiras. (PINHEIRO e LÚCIO, 2001, p. 27).

Além do destaque dado à vida no Nordeste, os personagens são de extrema importância nos romances de cordel, no entanto estes não são muitos. Para as situações e paisagens também não são colocadas com descrições de forma minuciosa. O foco central permanece sendo no desenrolar da trama.

Um dos mais reeditados é o clássico do poeta João Melquíades da Silva, intitulado “O romance do pavão misterioso”, que conta a história de um jovem apaixonado que viaja num pássaro gigante até alcançar o quarto de sua amada e após diversas aventuras vivenciadas, o moço finalmente consegue libertar a donzela da tirania de seu pai, casando-se com a mesma.

Até aqui falamos sobre o cordel em sua diversidade, de temas, de arranjos que lhe são próprios, sua capacidade de construir a História e de sua relação com a vida social. Daremos então continuidade a esta leitura. De agora por diante, os caminhos apontam rumo à escola.

2. LITERATURA DE CORDEL E ENSINO DE HISTÓRIA

Este capítulo propõe explorar as potencialidades didáticas e pedagógicas da Literatura de Cordel no ensino de História, mostrando também como contribuir para trabalhar a percepção sensível do aluno. Neste se propõe refletir, mesmo que brevemente, a noção da literatura de cordel como documento em sala de aula e suas aplicações, e pensar a intrínseca relação entre a História e a Literatura, que compõem referenciais tanto para a pesquisa como para o ensino.

2.1 Cordel: Poesia no ensino de História

A poesia de cordel é semente lançada ao vento entre os campos mundo a fora. O poeta, menino a brincar no quintal do sonhar, é este vento que semeia na terra fértil da imaginação, onde a alegria das rimas é como a chuva. E assim como a terra carece de chuva, a vida carece de poesia (estrofe do autor).

O cordel ensinou a ler, encantou com seus enredos estampados nas estrofes dos romances, pelejas, histórias de espertezas, aventuras, entre outras variações, e espalhou a graça do riso por onde passou. Quando recitado, o cordel além de trazer notícias, romances criativos e estórias, encantava com sua variedade de recursos poéticos, tais como a rima marcante, principalmente em sextilhas, atraindo a atenção dos ouvintes.

Os folhetos de cordel estiveram presentes na vida social de muitos sujeitos letrados ou não. Significou, para muitos, o primeiro contato com as letras, em um contexto em que eram poucos os alfabetizados, contribuindo assim para a formação cultural de muitos que tiveram através do cordel, as primeiras experiências com o mundo da leitura.

No ensino formal, a literatura de cordel pode desempenhar um importante papel, levando em consideração as suas potencialidades didáticas e pedagógicas em diferentes áreas do saber, sendo, portanto, um recurso a ser explorado. Os enredos variados e com suas narrativas em versos, despertam um querer ouvir, apreciar, contemplar a poesia viva que se manifesta.

Todavia, entre os textos que os professores levam para a sala de aula, a poesia ainda não possui o seu lugar entre os mais utilizados. Em *Poesia em sala de aula*, Helder Pinheiro (2007) relata, com base em suas experiências docentes na educação básica, que “a ausência da

poesia em sala de aula é uma constante”. Ainda sobre suas experiências, este afirma “encontrar em todos os lugares receptividade pela poesia.” (PINHEIRO, 2007, p. 14).

Certo que suas pesquisas e experiências docentes são no ensino de conteúdos de linguagem, em decorrência de sua formação e atuação. No entanto esta receptividade pela linguagem poética também pode ser percebida e experimentada no ensino de História, caso o professor permita-se tentar algo novo e elabore uma proposta. Da mesma forma, na maioria das vezes, a poesia também não se destaca no ensino de História, apesar do seu potencial.

O cordel traz em suas particularidades uma riqueza de recursos; rimas, musicalidade, assonâncias, aliterações, antíteses, recursos sonoros e semânticos, que o fazem tão receptivo. Somando a isto, a sua diversidade temática, que inclui temáticas sociais, personagens históricos, narrativas inspiradas em fatos de repercussão local, nacional e até mesmo internacional, pode muito contribuir com o melhoramento das práticas de ensino.

Estes textos, produção da mente fértil dos poetas, colocam-nos diante da possibilidade de enxergar a realidade social por meio de outras lentes culturais, levando-nos a descortinar os eventos e enxergar novas interpretações.

Além disso, outra vantagem de se trabalhar com a literatura de cordel é que esta traz para a sala de aula o contato com a experiência sensível. A poesia desperta o senso poético no aluno e, ao mesmo tempo, não perde de vista a prática de ensino comprometida com a formação de sujeitos críticos.

Ensinar História também é comprometer-se com uma estética de mundo melhor. Diante disso, ensinar História também é regar a sensibilidade, para que ela possa frutificar nos sujeitos que participam ativamente do cotidiano escolar. A poesia em sala de aula se constitui como um recurso facilitador neste processo, e a literatura de cordel, sendo uma das suas mais belas manifestações, um espetáculo da mente dos poetas, têm muito a oferecer aos professores comprometidos com a constante construção de um olhar sensível que perceba as subjetividades.

2.2 História e Literatura, Cordel e Ensino de História

A História e a Literatura constituem importantes fontes de conhecimento. De modo que pensar e refletir acerca do diálogo estabelecido entre estas duas narrativas particulares orienta novas possibilidades de abordagens e interpretações dos eventos históricos. A preocupação com este novo olhar sobre o texto literário abriu caminho para a construção de novos referenciais, tanto para a pesquisa, como também para o ensino. As possibilidades não se esgotam, uma vez que a História e a Literatura possuem uma íntima relação cada vez mais percebida e explorada.

[...] procuram representar a ação dos seres humanos no tempo e utilizam narrativas para alcançar este objetivo. A Literatura vale-se de narrativas não necessariamente compromissadas com os acontecimentos, mas diretamente interessadas em mostrar como as pessoas concebem, vivenciam, e representam a si mesmas e ao mundo no qual estão inseridas. Ela o faz por meio da retratação de situações apresentadas em diferentes dimensões temporais. A História por sua vez, parte do presente para coletar, selecionar e interpretar fontes do passado com o objetivo de construir narrativas que se aproximem com maior nitidez do que foi vivenciado por um indivíduo ou grupo social ou pela sociedade (ABUD, 2013, p. 44).

A obra literária não é compromissada a querer explicar o real e nem buscar a comprovação de fatos. Por outro lado, o texto literário traz a possibilidade de confrontar-se com a representação de um mundo que, se não vivenciado, pode ser idealizado pelo autor de sua escrita. Por sua vez, o leitor mergulha na tentativa de apreender esse mundo, produzindo assim, sua imagem particular do representado. Neste sentido, a obra literária se configura como uma espécie de transfiguração deste real.

Como nos diz Pesavento (2006, p.03):

Literatura e História são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam. [...] A literatura é, no caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas.

Pensando este importante diálogo e, a partir dele, pensando também a utilização de textos literários no ensino de História, temos na literatura de cordel um interessante recurso, uma vez que apresenta possibilidades didático-metodológicas que são fundamentais para a construção de conhecimentos históricos. O cordel como obra literária também é carregado de historicidade. O poeta lê o mundo ao seu redor, pela sua lente própria, seus valores, sua

mentalidade, sua cosmovisão, como conclui Curram (2003) elaborando uma crônica de sua época.

Segundo Grillo (2003, p.117):

O cordel, que através de suas narrativas conta os acontecimentos de determinado período e de um dado lugar, se transforma em memória, documento e registro da história brasileira. Tais acontecimentos recordados e reportados pelo cordelista, que além de autor, se coloca como conselheiro do povo e historiador popular dão origem a uma crônica de sua época.

Como resultado, temos na literatura de cordel uma grande possibilidade de descortinar os eventos da História interpretados pelo olhar do professor e pesquisador, quando este é um pesquisador determinado, que - fareja e busca - sua caça (BLOCH, 2001, p. 54), seguindo os rastros deixados no caminho das rimas.

A Literatura de Cordel descreve a realidade social a partir da lente do poeta. Os folhetos que relatam os eventos e os acontecimentos situados em um dado lugar e em um dado período, por sua vez têm suas narrativas transformadas em memória, em registro do passado, e em documento histórico, possível de serem inseridas em sala de aula, melhorando a prática de ensino e o aprendizado da disciplina História.

Neste sentido, o folheto de cordel deve ser considerado um documento em sala de aula. É importante que os alunos compreendam no contato com os folhetos o quanto que eles representam de possibilidades de se estudar História. Optar pelo uso de documentos nas aulas de História facilita a inserção do aluno no pensamento histórico, despertando também o interesse pela pesquisa, de modo que possa desenvolver autonomia intelectual que o faça criar análises críticas da realidade social.

No entanto, esta, por sua vez, não é uma escolha das mais fáceis. Tal recurso deve ser empregado com a finalidade de facilitar o aprendizado e, para isso, é preciso que haja identificação com a linguagem empregada. A inacessibilidade da linguagem pode por em risco o exercício de interpretação da parte do aluno, uma vez que, se carregada de dificuldades de compreensão, causará mais recusa do que curiosidade e interesse. Intenciona-se que a exploração pelos alunos se dê de maneira agradável e inteligível.

Como afirma Bittencourt (2008, p.33), na escolha do documento:

[...] é necessário lembrar que eles devem ser motivadores e não se pode constituir em texto de leitura que produza mais dificuldade do que interesse e curiosidade. O objetivo é favorecer sua exploração pelos alunos de maneira prazerosa e inteligível, sem causar muitos obstáculos iniciais, é preciso

cuidado para que os documentos ofereçam informações claras, de acordo com os conceitos explorados e, não tornem difícil a compreensão das informações. A seleção deles compromete os objetivos iniciais propostos no plano de aula, ao passo que sua complexidade e extensão podem criar uma rejeição pelo tema ou pelo próprio tipo de material.

Considerar a dimensão dos Folhetos de Cordel como documento histórico, o diálogo da História com a Literatura, e enfatizando as suas potencialidades para o ensino, impulsiona a planejar e concretizar experiências com aulas mais eficientes, diversificadas, criativas e prazerosas. Nas aulas de História, a Literatura é uma fonte importante, um recurso a ser trabalhado, pois além de fazer com que a aula se torne empolgante, nos coloca diante de um novo olhar sobre a realidade social, marcada por suas contradições, relações de poder e relações culturais, colocando a disposição do Professor de História e dos alunos a oportunidade de desenvolver novas propostas.

Buscar esta articulação entre História e Literatura e levá-la para a sala de aula pode melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Configura-se como uma maneira de promover a renovação das práticas docentes exercidas por professores de História no cotidiano da sala de aula, e ao mesmo tempo, estimular a percepção e a curiosidade dos alunos.

A Literatura disponibiliza para a História pistas do real que estão contidas nos textos literários, impressas pelo tempo e pelo espaço. São pistas que revelam histórias tanto individuais, como também coletivas, memórias e representações de um dado momento histórico. A obra literária possibilita mergulhar na representação da realidade passada, percebendo elementos do seu cotidiano, da sua mentalidade e suas manifestações mais subjetivas, fornecendo uma nova e importante leitura da vida social, desvendando suas particularidades.

Assim, o professor ou a professora de História, pode ir além desta breve explanação e verá que esta relação entre História, Literatura, Cordel e Ensino de História, abre caminho para muitas possibilidades.

2.3 A temática social, folhetos circunstanciais e personagens históricos

Ao se tratar dos folhetos de circunstância, não se pode confundi-los com os relatos jornalísticos, embora muitas vezes tenham neles sua inspiração. Além disso, não podemos desconsiderar que a escrita particular do cordel obedece a normas de escrita e edição,

consolidadas quando se transformou no que Chartier vai chamar de “fórmula editorial,” o que atribui ao livro características próprias de elaboração e comercialização (CHARTIER, 1990).

Podem aproximar-se do texto jornalístico na escolha do tema a ser posto na trama, na forma de ilustrar, quando as capas apresentam imagens que também circularam em jornais ou revistas, dialogando com contextos de circulações diferenciadas, na intencionalidade, quando o poeta assume a função de repórter popular. Mas são gêneros distintos. A literatura de cordel traz os acontecimentos em uma linguagem poética e popular, algo específico de sua escrita, elemento por sua vez essencial para sua aceitação.

A identificação com o público é fundamental e, nesta relação, o cordelista põe o seu olhar sobre a sua escrita, já pensando na interação com seu público e buscando uma relação recíproca, necessária à aceitação do seu trabalho como escritor. Para isto, é preciso que o ponto de vista da narrativa seja aproximado do ponto de vista do leitor e consumidor de folhetos.

Como coloca Grillo (2003, p. 121):

Ao recontarem os fatos apresentados nos jornais, os poetas procuram adequar essas notícias ao universo de valores e crenças de seu público, fazendo com que o ponto de vista do texto possa coincidir com o do leitor, ou pelo menos se aproximar dele. Fatos de natureza política ou econômica são apresentados enfatizando a sua repercussão sobre as camadas populares, compostas no Nordeste de trabalhadores rurais, vendedores dos mais variados produtos, empregados do comércio, etc. Parte mais significativa do público de cordel.

Também encontramos potencial didático pedagógico nos que trazem em seus enredos a temática social, uma vez que encontramos na literatura de cordel um forte caráter de denúncia. Muitos poetas, através de seus folhetos, alertaram e denunciaram injustiças, problemas políticos, econômicos em âmbito local e/ou nacional. Esta característica específica de muitos folhetos nos coloca também a refletir acerca da realidade de determinada época, com seus contrastes e seus valores em uma linguagem mais aproximada do cotidiano, caracterizando uma nova ótica sobre questões que repercutiram inquietações sociais.

Outra possibilidade são os folhetos que trazem em suas narrativas a presença marcante de personagens históricos. Entre os principais personagens da história nacional, como aponta Curram (2003), estão Lampião, Antônio Conselheiro, Padre Cícero, Getúlio Vargas, Jânio

Quadros, João Goulart, Tancredo Neves, entre outros. Vale salientar que a gama de personagens que se destacaram na história nacional e na literatura de cordel é muito vasta.

Trazendo para a sala de aula, o professor deve atentar-se a perceber, de forma crítica e reflexiva, o modo como o poeta se coloca e se posiciona diante da História, levando em consideração o seu lugar e o caráter ficcional da narrativa, mas que parte de elementos do real para a construção de suas tramas.

2.4 A construção de sentidos por meio da leitura das capas

Um mundo a ser explorado
Em tão pouquinho papel
Trago sempre um comigo
Como um amigo fiel
E a vida se faz em versos
Tudo posso em meu cordel.
(estrofe do autor)

Cordel é pouco papel, porém é um mundo de possibilidades tanto para o ensino como para a pesquisa. Impresso em papel geralmente de menor custo, com tamanho em média 10 X 15 cm², com em média oito páginas para os folhetos de circunstância, e entre 32 a 64 páginas, para os romances, sendo estes as narrativas mais longas.

O primeiro contato com o folheto de cordel impresso acontece por meio de suas capas. Dois elementos das capas já apresentam uma prévia do que está contido na narrativa, provocando uma primeira impressão, o que era fundamental para a venda dos folhetos. São estes os títulos das obras e as ilustrações. O título da obra apresenta a ideia central da narrativa, expõe previamente o tema, ou pode deixar algo subentendido, dependendo da escolha do autor. As ilustrações também denotam uma leitura inicial, pois demonstram intencionalidade, contendo significados que orientaram a sua escolha, o que faz com que possam ser lidas e criticadas também como forma de texto na sala de aula.

A leitura reflexiva em torno da imagem se faz necessária. Como ela dialoga com outras fontes, como o cinema, o texto jornalístico, revistas, entre outros artefatos? O que ela nos diz? Qual a relação com o contexto em que ela foi produzida? O que ela diz dos códigos sociais e culturais? Como diferenciar a forma como o folheto foi ilustrado?

Podemos começar identificando a ilustração da capa do folheto, considerando que a xilogravura apesar de muito difundida, não é a única maneira de ilustrar as capas dos cordéis. Para isto, cabe destacar dois conceitos fundamentais elaborados por José Rodrigues Filho em sua monografia *‘Imagem em perspectiva: memória e poder na Literatura de Cordel’*, na qual realiza um estudo em torno das ilustrações das capas dos folhetos. Os conceitos elaborados são “técnicas de impressão” e “técnica de ilustração.” A primeira é referente a como o folheto foi ilustrado, como a imagem em sua capa foi impressa. Esta depende de qual matriz foi confeccionada. A segunda é decorrente da primeira e foi denominada de técnicas de ilustração. Nesta relação uma imagem confeccionada em uma matriz de clichê de zinco dará origem a um desenho ou fotografia. Quando a imagem é confeccionada em uma matriz de madeira, como se utiliza usualmente, a ilustração resultante será uma xilogravura. Mas se caso a imagem for impressa em offset, possibilita três técnicas de ilustração resultando em desenho em preto e branco ou colorido, fotografia, ou xilogravura (FILHO, 2017, p 32).

Outra indagação importante deve ser considerada. O que leva a optar por esta ou aquela ilustração na capa de um folheto de cordel? Começando pela xilogravura, cabe considerar o momento em que a cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, passa a ser um grande centro de produção e difusão, principalmente com os empreendimentos de José Bernardo da Silva, poeta, editor e proprietário da Tipografia São Francisco, estudada por Rosilene Alves de Melo em *Arcanos do verso*. Este comprara os direitos de edição de João Martins de Athayde, e, por conseguinte, também os direitos de edição de Leandro Gomes de Barros, que o segundo já possuía.

Levando em consideração a distância entre Juazeiro do Norte e os maiores centros urbanos como Fortaleza e Recife, a compra de clichês de zinco vinda destas cidades não atendia à demanda, tanto pelo custo, como também pela demora no transporte. As matrizes de madeira entram em cena como um meio alternativo e de menor custo, uma vez que eram produzidas na própria região.

As impressões em offset, que possibilitam ilustrações em desenho em preto e branco ou colorido, fotografia, ou xilogravura, facilitam no sentido de possibilitar um número maior de tiragens. No entanto, requeria um maquinário mais sofisticado para realizar as impressões, o que aumentava o custeio. A imagem colorida nas capas foi mais empregada fora do Nordeste, como no caso da Editora Luzeiro, em São Paulo.

No cordel, as linguagens verbais e visuais se interligam na produção de sentidos. Mesmo que de modo não intencional, na primeira experiência com a leitura de folhetos, o leitor poderá constatar a relação das imagens nas capas com a narrativa dos poemas. A

imagem neste sentido pressupõe uma leitura da totalidade do poema e não de estrofes específicas. Ao decidir por uma imagem na capa, instaura-se “uma relação entre a ilustração e o texto no seu todo, e de forma nenhuma entre a imagem e esta ou aquela passagem particular” (CHARTIER, 1990, p 179).

Era por meio das capas que os compradores de folhetos, principalmente os sujeitos com dificuldade de leitura ou analfabetos, tinham a primeira noção do conteúdo da narrativa. No entanto, as possibilidades de diálogo vão além do conteúdo do folheto. Nesta relação, as ilustrações, independentemente de ser uma xilogravura, zincogravura, desenho ou fotografia, devem ser compreendidas como possibilidades de leituras, produtoras de sentidos, como texto visual.

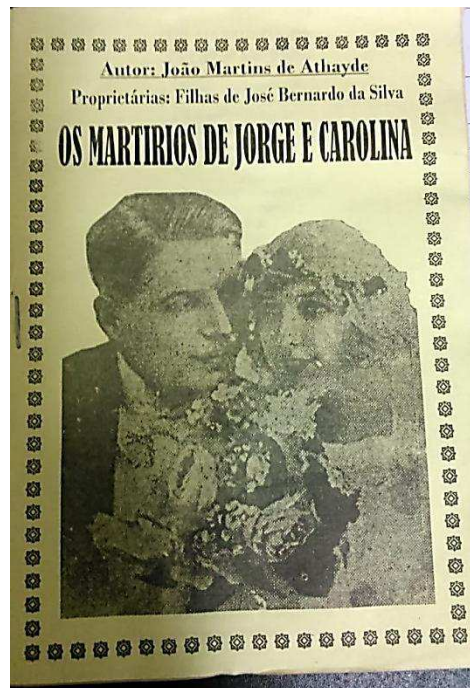


Imagem 1: Os martírios de Jorge e Carolina - Fotografia impressa em clichê de zinco.²

² Fonte: Cordelteca do Núcleo de Documentação Histórica Deusdet Leitão (UFCG/CFP)



Imagem 2: Branca de Neve e o Soldado Guerreiro - Desenho colorido impresso em offset.³

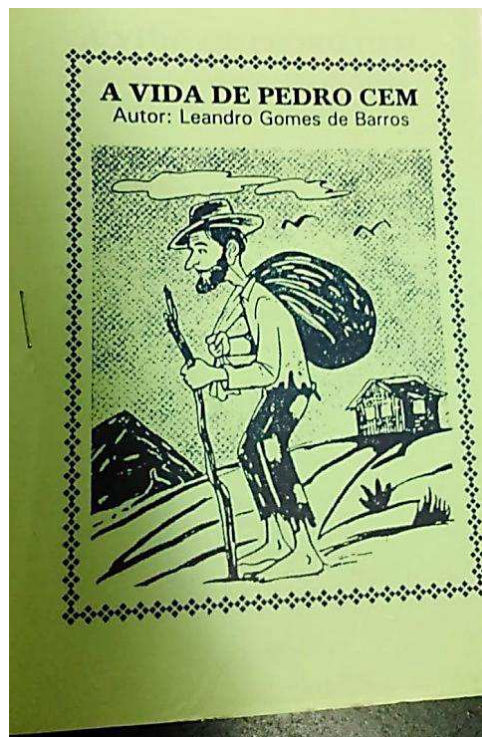


Imagem 3: A vida de Pedro Cem- Desenho em preto e branco impresso em clichê de zinco.⁴

³ Fonte: Cordelteca do Núcleo de Documentação Histórica Deusdet Leitão (UFCG/CFP)

⁴ Fonte: Cordelteca do Núcleo de Documentação Histórica Deusdet Leitão (UFCG/CFP)



Imagem 4: Como evitar a AIDS - Xilogravura impressa em matriz de madeira.⁵

Sobre o texto visual, a historiadora Ana Maria Mauad afirma que:

[...] são resultado de um jogo de expressão e conteúdo que envolve, necessariamente, três componentes: o autor, o texto propriamente dito e um leitor. Cada um destes três elementos integra o resultado final, à medida que todo o produto cultural envolve um *locus* de produção e um produtor, que manipula técnicas e detém saberes específicos à sua atividade, um leitor ou destinatário, concebido como um sujeito transindividual cujas respostas estão diretamente ligadas às programações sociais de comportamento do contexto histórico no qual se insere, e por fim um significado aceito socialmente como válido trabalho de investimento de sentido (Mauad, 1996, p. 8).

Neste sentido, precisa-se considerar que a leitura da imagem nas capas de cordéis não pode ser realizada de forma isolada, a imagem pela imagem e somente, pois são artefatos culturais inseridos diretamente no seu contexto de produção, circulação e recepção. A materialidade do texto visual, assim como do verbal, exige que se busque mobilizar conceitos que sejam capazes de fazer compreender as suas especificidades, seus múltiplos sentidos ainda não descobertos, considerando que “o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação” (KOCH, 2013, p. 30).

⁵ Fonte: Cordelteca do Núcleo de Documentação Histórica Deusdet Leitão (UFMG/CFP)

As imagens nas capas devem ser compreendidas como meios articuladores de discursos imersos em uma teia polissêmica de sentidos que estão por ser interpretados. Cabe pensar, diante disso, numa leitura atrelada a estudos em torno de sua produção e circulação, assim como também em torno dos diálogos e sentidos construídos, pois as ilustrações, da mesma forma, também produzem linguagens que não se desvinculam do seu contexto de produção. Sendo assim, é necessário ler as capas de folhetos com novos olhares que possibilitem a construção de novas problemáticas que vão além de uma leitura superficial que considera a imagem apenas como ilustração.

Lançar-se sobre estas considerações certamente demanda considerável esforço significativo de quem queira realizar uma pesquisa com imagens. E em sala de aula, no contato com as capas dos folhetos, como deve agir o (a) professor (a) para que os alunos também desenvolvam uma leitura crítica? Como comumente acontece, a descrição dos seus elementos compositivos é o que geralmente nos fornecem quando se pede para que interpretem as imagens. Outro ponto é que são avaliadas geralmente pelo seu caráter estético. Todavia, o erro no uso da imagem não está na simples descrição, mas sim, quando a discussão encerra-se aqui. Pode ser feita uma pausa para que se percebam os detalhes, mas a leitura segue quando se lança o debate. É no debate que se começa a pensar sobre a intencionalidade do autor, e sobre as circunstâncias que aquela imagem representa e sobre as quais foi produzida. É sugerível também que os alunos sejam orientados a pesquisarem se teve circulação em outras mídias, como também imagens relacionadas, para que percebam como dialogam com outros suportes.

2.5 Um passeio pela poesia de cordel nas aulas de História

Vamos começar a aula
Tudo pronto, minha gente?
Embarque nesta viagem
Hoje será diferente
Vamos nos surpreender
Com um modo de aprender
Divertido e eficiente.
(estrofe do autor)

Estes versos convidam a viajar pelo mundo das rimas da literatura de cordel. No entanto, para se chegar ao destino final, dependendo do que se deseja alcançar, é necessário ter o caminho determinado.

Para Mark Curram (2003, p.27), “os poemas de acontecido (os que narram à ocorrência de eventos relevantes, que também noticiam), existem como crônica poética popular.” Para compreender a “crônica poética e a história popular” dessas narrativas, é preciso que o leitor considere as particularidades de cada folheto. A literatura de cordel não se encaixa em um padrão definido entre fato e ficção, diante das suas variações e visão do poeta. A formação do autor, sua perspectiva, personalidade e seu estilo implicam em relatos diferenciados.

Segundo o autor, na leitura dos folhetos:

[...] além das regras básicas que conduzem a questionar *quem, o que, quando, onde e por quê*, o leitor deve considerar medidas literárias como tópico, autor, caracterização, narração, figuras retóricas de linguagem, léxico, valores, relação com os textos cordelianos tradicionais e finalmente, o próprio título do poema.(CURRAM, 2003, p. 32).

Nesta perspectiva, Curram elabora um roteiro para a realização de uma leitura crítica dos folhetos, de modo que se percebam seus aspectos principais. A intenção seria apontar um direcionamento para a realização da leitura, programar uma abordagem que possa ser aplicada tanto para conhecedores do cordel como também para aqueles que tiveram pouco contato. O modelo, segundo o autor, seria:

1. O tópico, o evento tem de ser importante para o poeta e para o seu público, no momento da ocorrência e de seu registro no folheto. Aqui o jornalismo poderá estar aplicado: o poeta diz *quem, o quê, quando, onde e porquê* de sua história. Os fatos básicos, por favor.
2. O autor (poeta). A visão pessoal e a vida do poeta determinarão sua maneira de estruturar o relato do evento. Sua cosmovisão, o dom para a poesia, a formação e educação formal, a personalidade e o discurso próprio, enfim, sua *persona*, isto é, como ele entende o papel de poeta do povo, tudo isso influirá no seu modo de contar a história.
3. As personagens do folheto. Quem são? De onde vêm? Qual é sua função no poema? São arquétipos, há criatividade na sua descrição?
4. A voz narrativa. É terceira pessoa onisciente, primeira pessoa-testemunha, primeira pessoa- participante, é um narrador fidedigno?
5. Recursos retóricos. Há metáforas? Símile, Alegorias, Prosopopeia? Sonhos? Cartas do céu? Do inferno? O fado? A sessão espírita? O encontro, o debate? A discussão?
6. O léxico. Será rural? Urbano? Português *standard*? Com gírias? Regional? Engraçado? Religioso? Criativo? Colorido? Prosaico? Político? Marcado por ditados convencionais?

7. Os valores. Há uma visão básica moral no poema ou por traz dele? Essa visão é do poeta? Das personagens? Os valores presentes no poema são intrínsecos a ele ou impostos de fora? Quais são os valores do leitor? O evento e a personagem principais, em si, são morais, imorais ou amorais? A história tem final feliz, impõe-se a justiça? O castigo?

8. Relação com o cordel tradicional. A narrativa segue o padrão tradicional? Apresenta uma visão antiga? Moderna? É de protesto ou de contestação? É reportagem? Ensina ou aconselha? Revela visão rural antiga? Visão moderna urbana? Ou uma combinação de ambas?

9. O título. Tem qual origem? O que nos antecipa do relato? (CURRAN, 2003, p. 33).

Grillo (2003), de modo mais específico, para se trabalhar com a literatura de cordel em sala de aula no ensino de História, também organiza uma sequência de ideias que explanam alguns caminhos e sugestões. Para a autora, assim seria:

1) relação com o tema da História: como é tratado este tema? Quais os pontos que se aproxima e quais os que se distanciam com a versão do livro didático?

2) apresentação do autor: como um narrador, como uma testemunha ou como uma personagem da história? É possível identificar a origem regional e social do autor?

3) apresentação da narrativa: como uma forma de reportagem, um ensinamento, um aconselhamento, um protesto ou uma contestação?

4) personagens principais e secundários: trata-se de heróis positivos, heróis negativos, heróis ambivalentes ou são feitas caricaturas desses heróis? Como se dão a relação entre essas personagens?

5) Que valores são passados pelo autor, através do texto: uma visão maniqueísta, uma preocupação com a moral, uma justificativa, uma preocupação com a aplicação da justiça?

6) quais são os recursos usados pelo autor: uma peleja, um diálogo com o céu ou o inferno, ou apenas uma narrativa de acontecimentos?

7) como é escrito o poema: ele traz regionalismo, gírias, ditos populares, crenças e superstições? (GRILLO, 2003, p. 121).

Utilizar o cordel como linguagem no ensino, requer que se estabeleça uma ação antecipada, um planejamento da ação docente. É imprescindível que o professor conheça a linguagem utilizada, assim como os textos a serem explorados. Todas as etapas envolvidas

são partes do mesmo processo e assume grande importância, da seleção, a aplicação dos conteúdos.

Em sala de aula, o folheto deve ser inserido a partir de um conteúdo programático determinado. A relação do conteúdo do folheto com o conteúdo escolar deve ser estabelecida, de modo que, a partir dela, professor e aluno possam ter acesso a outras visões dos fatos e eventos, sendo, portanto, uma possibilidade extra para a compreensão do tema estudado.

As narrativas são produções intelectuais dos poetas, expressões de sua criatividade e estas partem de sua leitura particular da realidade. Cabe ressaltar que se tratando de uma produção literária, o cordel vai depender de um sistema editorial, em consonância com um público de leitores, e toda uma rede articulada de produção e circulação.

Melo (2010, p. 115) aponta que:

[...] o texto pode ser a transposição para o impresso de uma narrativa oral, adaptação de clássico da literatura ou poema criado especialmente para esse formato. Editado com características próprias (tamanho, papel, ilustração, recursos tipográficos, preço), objetivando atingir o “horizonte de expectativas” de um determinado leitor (levando em consideração a recepção, a forma e o conteúdo) e circulando em espaços próprios para a venda (feiras, mercados populares, folheterias e, mais recentemente, nas bancas de revista). Portanto, é possível concluir que a literatura de cordel se inventou se diferenciando em relação a outras variações do livro e instituiu para si um lugar no mercado editorial.

O cordel também adentra no campo das idéias políticas, dialogando também com teorias econômicas e sociais. O cordelista Hamurábi Batista é autor de um folheto intitulado “*A História do Capitalismo*”, que em linhas gerais pode ser definido como um sistema econômico que teve seu surgimento no Ocidente, na chamada Idade Moderna, expandindo-se pelo mundo nos séculos seguintes. Esse sistema econômico se consolidou e alcançou sua hegemonia. Na contemporaneidade, impera em uma escala praticamente global, ultrapassando fronteiras e culturas.

Tal temática, além de complexa, também é polêmica em sala de aula, dividindo opiniões ora positivas, quando é referenciado como exemplo de progresso humano na produção material, ora negativas, quando é colocado como a causa de desigualdades sociais, de uma cultura cada vez mais individualista, e das explorações sofridas por grupos sociais e o próprio meio ambiente.

Compreender como se estruturou o Capitalismo, é fundamental para se entender o presente e a vida em sociedade com um olhar a enxergar que a realidade cotidiana não é fatalista, mas sim construída historicamente. A linguagem do cordel traz para a sala de aula o contado com a temática de uma forma que o livro didático não dispõe, em uma linguagem poética, em forma de versos.

Já na primeira estrofe, do folheto mencionado, o poeta diz:

O capitalismo é um sistema
 Que os meios de produção
 Da iniciativa privada
 Também a distribuição
 Possuem os fins lucrativos
 E o poder de decisão.
 (BATISTA, s/d, p. 01).

O pensamento político está nas rimas dos cordéis, assim como a crítica, a ordem estabelecida, as inquietações do cotidiano e principalmente os grandes eventos da história nacional que fazem parte do grande repertório que o cordel pode trazer para a sala de aula e para o ensino de História. O Cangaço, por exemplo, é um tema dos mais difundidos, com narrativas diferenciadas das que circulavam nos jornais. Os poetas cordelistas, atuando como cronistas populares da realidade brasileira, não hesitaram em registrar e tecer comentários acerca do cangaço, sua repercussão e relevância. O cangaço é marcante nesta Literatura, compondo assim um dos seus mais marcantes ciclos temáticos. As narrativas retratam os conflitos e o contexto histórico com minúcias de detalhes, os confrontos entre o banditismo e os governos locais, estadual e nacional.

Os autores considerados pioneiros fizeram do Cangaço um tema muito difundido e apreciado pelos leitores. Leandro Gomes de Barros, (1865- 1918), Francisco das Chagas Baptista, (1882- 1930), João Martins de Athaide, (1880- 1959), todos estes, poetas nascidos no Nordeste brasileiro. Estas representações diferem das encontradas nos livros didáticos e na literatura considerada oficial, ao passo em que a produção escrita sobre o tema e as consequências do fenômeno são diversas.

O cangaço ainda é um tema de muita aceitação. Hamurábi Batista é autor do folheto, *A História do Cangaço*. A narrativa é consideravelmente longa, como nos romances clássicos do cordel, e por isso deve ser considerado o nível de leitura da turma e o tempo disponível. Possui sessenta e uma estrofes em septilhas e aborda o tema em um aspecto mais geral,

destacando além de Lampião, outros personagens marcantes, como podemos notar nas últimas estrofes do folheto.

José Gomes (Cabeleira),
João Calango, Zeferino,
Viriatos, Nhô Pereira,
Os Engrácias, Jesuíno,
Os Cunhas, e Mansidão,
Mais Corisco e Lampião,
Tomaz, e Antõe Silvino.

Jararaca e Cancão,
Luiz Pedro e Sabiá,
Rio Preto e Valentão,
Fortaleza e Jatobá,
Beija-Flor, Quindú, Livino,
Camilo, José Delfino,
Tõe dos Santos, Quixadá.

Dois de Ouro, Cacheado,
Zé Relâmpago, Azulão,
Lua Branca, Bronzeado,
Benevides e Aragão,
José Coco, Zé Sereno,
Volta Seca e Moreno,
Pensamento e Mergulhão.

Moderno e Marinheiro,
Isidoro e Passarinho,
Novo Tempo e Candeeiro,
Zabelê, José Pretinho,
Sila, Dulce, Ezequiel,
Moita Brava, Seu Miguel,
E Meia Noite e Chumbinho.

Dona Maria, Andorinha,
Cravo Roxo e Vereda,
Sabonete e Inacinha,
Açucena e Labareda,
Fogueira, Pinicapau,
João Duda e Juremal,
Maçarico e Arvoreda.

Quina-quina, Antõe Ferreira,
Benevito e Navieiro,
Diferente, Quinta Feira,
Santa Cruz e Cajueiro,
Peitica, José Baiano,
Cristina e Alagoano,

Dona Dadá, Nevoeiro.
(BATISTA, s/d, p. 15-16).

Os nomes e apelidos peculiares no cangaço são um convite à imaginação dos alunos, possibilitando que interpretem a dinâmica cultural dos espaços de vivência. O poeta Francisco de Assis dos Santos é autor do folheto *Os apelidos no cangaço transmitidos nesse cordel encantado*. O poema possui vinte e três estrofes que diferem das septilhas e sextilhas convencionais. É escrito em décimas, sendo, portanto, uma estrofe de dez versos. Cada verso da décima pode conter geralmente, sete sílabas poéticas (redondilha maior), ou dez sílabas poéticas (decassílabos), como nos versos que compõem os sonetos. Este tipo de estrofe é mais usual no repente do que nos cordel, principalmente em motes e desafios.

Vejamos uma estrofe do folheto:

Pinto Cego, Serra Branca e Veado,
Penedinho, Novo Tempo, Candieiro,
Saracura, Cacheado, Marinheiro,
Deus te guie, Rio Branco, Delicado
Labareda, Santa Cruz, Sofreu, Cuidado,
Fortaleza, Gato Bravo, Diferente,
Pinga Fogo, Bom de Veras, Bala Quente,
Jacaré. Quina-quina, Limoeiro,
Lasca Bomba, Cobra Verde, Cajueiro,
Nomes recolhidos no presente.
(SANTOS, s/d, p. 04).

Como se vê, as narrativas sobre o cangaço na Literatura de Cordel não se encerram com a morte dos principais cangaceiros. Pelo contrário, a própria morte de Lampião e seu bando inspirou a construção de narrativas poéticas. O cordelista Paulo Moura narra em septilhas, *O massacre de Angico: a morte de Lampião, fim do Cangaço*, em que descreve os últimos momentos dos cangaceiros liderados por Virgulino Ferreira, o Lampião, quando estavam arranchados em Sergipe e foram mortos em 28 de junho de 1938. Tal acontecimento ganhou uma dimensão simbólica, representando não apenas a morte de Lampião e seu bando, mas sim também, a do cangaço, embora o cangaceiro Corisco ainda continuasse até também ser morto em confronto.

Os cangaceiros foram decapitados, as cabeças foram colocadas em latas de querosene e levadas em odisséia pelas vilas do interior para que o povo

pudesse ver e acreditar que o “terror do nordeste” finalmente estava morto. Acabaram no museu Nina Rodrigues, da faculdade de medicina da Bahia, onde permaneceram amarelado até 1968, quando as autoridades ganharam juízos e as enterraram; a essa altura já haviam sido apreciadas o bastante por um público que não aguentava mais a barbaridade moderna (CURRAN, 2003, p. 63).

Vejam a primeira estrofe do poema:

“Das estórias do passado,
De um povo herói, nordestino.
Vou contar a trajetória
Da morte de Virgulino,
Que tombou com a cabroeira
E sua fiel companheira
Selando ali seu destino”
(MOURA, s/d, p. 01).

Característico da literatura de cordel, por ser forte a relação com a tradição oral, o autor (poeta) convida o leitor /ouvinte a escutar com atenção o que este tem a comunicar, buscando aproximar-se do público. O saudosismo heroico nordestino é marcante, assim como o romance na narrativa. O autor coloca Lampião como sinônimo de resistência, atribuindo a este um caráter heroico. Já na segunda estrofe, o caráter de romance é evidenciado.

Traição, amor e ódio,
num solo tão forte e rico
E quando eu conto esta estória
Mas estarecido fico
Leitor, leia com atenção:
A morte de Lampião,
O massacre de Angico.
(MOURA, s/d, p. 01).

Nesta relação entre o poeta (autor) e o leitor (ouvinte), não se pode desconsiderar que a cosmovisão do poeta elencada por Curran (2003) é posta na construção da narrativa. O poeta lê o mundo de seu modo pessoal, as narrativas não se desvinculam do olhar do autor sobre o mundo, seus valores, e posições políticas, considerando também que os autores falam pelo seu “lugar social de produção” (CERTEAU, 2015, p. 57).

Os folhetos de cordel também descrevem as formas de resistência e adaptação às condições físicas naturais onde ocorreram os eventos. No caso do Cangaço, o semiárido do

nordeste brasileiro é o cenário onde aconteceram as tramas. Seguir por dentro da caatinga exigia esperteza, saber estratégias fundamentais para sobrevivência em ambiente tão particular. Isto faz com que o cordel também forneça importantes informações sobre o cotidiano, as formas de interação homem/natureza, informações geográficas, entre outros conhecimentos essenciais na construção de saberes em sala de aula, explorando sua interdisciplinaridade.

Como observamos na quarta estrofe do poema, ela descreve como os cangaceiros faziam para matar a sede na ausência de fontes d'água, valendo-se do sumo de cactos da região.

Muita sede, muita fome,
 Passou naquele deserto
 Mais sua estrela brilhava
 E encontrou um rumo certo
 Matou da sede a vontade
 Chupando as “Crôas de Frade”
 Que encontrava ali por perto.
 (MOURA, s/d, p. 01).

O poema segue narrando como se articulou uma suposta traição a Lampião e seu bando, quando o mesmo foi envenenado e denunciado por um dos seus companheiros. Outros personagens também passeiam pela narrativa, como a companheira de Lampião, Maria Bonita, os cangaceiros e seus apelidos peculiares mencionados no texto, e os coronéis e seus arranjos políticos. O folheto ainda faz menção aos confrontos com a volante cada vez mais repressiva no Governo Vargas.

Também podemos encontrar narrativas que apresentem um caráter humorístico. “A riqueza do humor, embora se apresente de modo mais destacado em alguns folhetos, é marca da literatura de cordel” (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 102). Destacam-se nomes como José Pacheco da Rocha, autor do conhecido folheto de cordel, *A chegada de Lampião no inferno*, onde é marcante a presença do humor e de elementos que permeiam o universo de crenças do imaginário popular e de valores construídos socialmente. Um detalhe que não pode passar despercebido, neste folheto, é quanto às representações feitas sobre os diabos no inferno. O autor coloca todos os diabos como negros, revelando aspectos de uma mentalidade racista, uma característica que também pode ser posto em debate.

Como se vê na seguinte estrofe:

Leve três dúzias de negros
Entre homem e mulher
Va na loja de ferragem
Tire as armas que quiser
É bom escrever também
Pra virem os negros também
Mais compadre Lucifer.
(ROCHA, s/d, p. 04).

Diante do breve exposto, podemos constatar que é diverso o campo de possibilidades, e a literatura de cordel se apresenta como um recurso eficiente. O cordel pode aproximar o conteúdo estudado com a realidade do aluno, e assim promove o diálogo com outros saberes. Saberes que estão no tecer diário das relações sociais e se manifestam de formas variadas.

3. CORDEL NA AULA DE HISTÓRIA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COM OFICINAS PEDAGÓGICAS

Esta parte do trabalho tem a pretensão de desenvolver atividades a serem executadas nas aulas de História tendo a Literatura de Cordel como fonte de pesquisa, e sua linguagem particular como um meio de mobilizar os saberes adquiridos. Com base no que foi discutido nos capítulos anteriores, apresentaremos a seguir uma proposta de oficina pedagógica tendo o cangaço como temática. Como já mostramos, as possibilidades são vastas, se tratando do grande repertório que o cordel dispõe. Logo, o cangaço representa uma entre tantas propostas que podem ser elaboradas.

Como já foi posto em discussão, a literatura é feita de narrativas que se entrelaçam nos processos de construção da História. Sendo assim, se propõe a utilização de textos literários como uma linguagem a ser incluída em sala de aula, dinamizando a construção dos saberes, motivando e melhorando o processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos escolares de História, lapidando a joia da sensibilidade por meio da poesia.

Na sala de aula, o texto literário pode promover o gosto pela leitura, que por sua vez é uma prática fundamental para se alcançar a autonomia do aluno no tocante à construção de novos saberes. Neste sentido, a literatura de cordel, objeto principal deste trabalho, é um ótimo recurso para se trabalhar a formação do leitor também no ensino de História, uma vez que esta é uma condição essencial.

Nesse contexto, esta parte específica do trabalho, traz a proposta de promover atividades e oficinas didático-pedagógicas, que envolvam a leitura, a compreensão, a produção textual e a criação poética, e ainda promover uma experiência lúdica em sala de aula, enfatizando também, a validade e importância da oralidade.

A sociedade contemporânea, inserida em um mundo cada vez mais globalizado, que parece caminhar rumo a uma padronização massificada, com a atuação direta da indústria cultural como formadora de opiniões, é bombardeada frequentemente por informações que nos chegam de diversas maneiras. Nestas circunstâncias, a poesia, entre outras manifestações culturais são cada vez mais deixadas em segundo plano. Estas manifestações culturais:

[...] estão praticamente esquecidas e a escola pode ser um espaço de divulgação destas experiências. Sobretudo mostrando o que nelas há de vivo, de efervescente, como ela vem sobrevivendo e adaptando-se aos novos contextos socioculturais. Como elas têm resistido ao rolo compressor da cultura de massa (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 128).

Esta proposta reforça um compromisso com a cultura em sua espontaneidade, oralidade, incentivo à leitura, compreensão e produção textual na construção dos saberes históricos em sala de aula, por meio de uma linguagem dinâmica, capaz de formar sujeitos críticos reflexivos e com um olhar mais sensível sobre o mundo.

A cultura em sua dinâmica e coletividade se faz viva na escola, assim, estimular a capacidade, as potencialidades criativas dos alunos de maneira eficaz e interdisciplinar é uma forma de educar também para a vida. Diante desta realidade, o desenvolvimento de projetos que aprimorem estas competências se faz necessário, visando o melhoramento da aprendizagem, ampliando assim o leque de possibilidades educacionais, metodológicas e pedagógicas necessárias para a efetiva construção do conhecimento.

Planejamento e metodologia

A eficiência de oficinas pedagógicas está nas oportunidades que representam. Oportunidades que somam ao conhecimento, pois possibilitam vivenciar situações concretas em sala de aula, sendo estas de grande significância. A metodologia a ser seguida possibilitará que o aluno aja como autor de seu próprio conhecimento em conjunto com a coletividade da sala de aula. Além de debates e descobertas, as oficinas pedagógicas também tornam este conhecimento melhor socializado. São, portanto, instrumentos eficazes e poderosos, eficientes ao aperfeiçoamento didático por proporcionarem uma aprendizagem dinâmica e inovadora, em que a troca de experiências e a construção do conhecimento se tornam alcançáveis.

Reitera-se que o foco principal da construção e do desenvolvimento de oficinas pedagógicas como metodologia em sala de aula está na construção coletiva do conhecimento. Entende-se que estas devem ser abertas ao diálogo, ao compartilhamento de vivências, e as soluções para as inquietações e indagações postas em aula são resultantes de uma mobilização em conjunto. A experiência prática é valorizada, de modo a evitar que os alunos fiquem em condições de passividade.

O modelo de proposta de oficina a seguir, foi pensado para este trabalho. Vale salientar, um modelo, e isto representa uma entre muitas propostas de oficinas que podem ser planejadas e executadas. A intenção aqui não é estabelecer um guia didático, mas sim mostrar que experiências como esta podem ser materializadas no espaço escolar.

As oficinas estão organizadas da seguinte forma:

1. Duração:

Mostra o tempo estipulado para a realização da oficina. Deve ser considerado o tempo de duração das horas-aulas, preferencialmente quando o horário escolar possibilitar aulas em sequência. Estas foram pensadas para seis encontros aulas, no entanto, dependendo da necessidade, este item pode ser modificado.

2. Apresentação do tema:

O ponto de partida das oficinas é a relação com os conteúdos escolares da disciplina História. A literatura de cordel passa a ser inserida como um recurso a mais, aplicável e eficiente em sala de aula, a partir de um conteúdo curricular. Partindo do tema, o folheto deve ser apresentado e exposto em sua experiência mais próxima, palpável, por isso a preferência pelos textos impressos em folhetos, considerando também que as capas também serão problematizadas. Seguidamente, serão lidos em sala de aula; uma maneira adequada seria a leitura coletiva. Partindo da leitura dos folhetos, serão lançadas as problemáticas.

3. Objetivos:

Os objetivos que os alunos deverão alcançar são indicados neste item. A proposta busca intervir, e quando se busca uma intervenção, intenciona-se o alcance de resultados. A busca por estes resultados está relacionada diretamente a o quê, e o porquê fazer, no desenvolvimento das oficinas.

4. Recursos:

Aqui são elencados todos os recursos necessários para a realização de cada oficina pedagógica. O principal recurso desta proposta são os folhetos de cordel, todavia, de acordo com as necessidades de cada professor, outros recursos podem ser incorporados, tais como música, filmes, entre outros recursos que aproximem a temática da realidade do aluno, de modo que este atribua sentido ao conteúdo estudado.

5. Metodologia:

Esta parte é destinada a descrição do processo de operacionalização da oficina. Trata-se do passo-a- passo, o caminho a ser percorrido para o alcance dos objetivos. Pode ser definida nas seguintes etapas:

- Ativação dos conhecimentos prévios:

Esta parte está ligada diretamente à apresentação da proposta, em que ocorre o primeiro contato com os folhetos de cordel. Ao iniciar a oficina os alunos serão motivados e envolvidos numa dinâmica de integração, e terão o contato inicial com os folhetos de cordel relacionado ao assunto a ser trabalhado na oficina, com a intenção de “quebrar o gelo” e perceber os conhecimentos prévios dos alunos antes de iniciar a execução dos trabalhos.

- Aplicação do tema:

Partindo da relação com o conteúdo escolar e já tendo apresentado previamente os folhetos que serão utilizados, os alunos farão a leitura coletiva dos cordéis para a partir deste ponto, construirão a identificação com o tema e sua relação com o conteúdo escolar.

- Problematização:

Neste momento o professor mediador deve formular problemas, questões a serem investigadas, envolvendo os conceitos e conteúdos selecionados para serem trabalhados na oficina. Nesta parte podemos inserir questões pensadas para que os alunos identifiquem além dos recursos poéticos, as problemáticas construídas a partir da leitura dos folhetos:

1. As capas: o que elas representam? Qual a mensagem que elas passam? Como estão ilustradas? Com uma xilogravura? Uma fotografia? Apresenta ironia ou visão engraçada dos personagens? Uma caricatura? A capa traz mais alguma informação sobre o autor? O que o título nos antecipa do poema? É uma frase mais séria? Irônica?
2. O poema: como o texto é escrito? Em sextilhas? Versos de sete pés? Uma peleja? Em linguagem culta? Coloquial? Com humor? Com gírias? Regionalismo? Uma visão política? Religiosa? Um conselho? Como uma crítica?
3. Os personagens: quem são eles? Como agem no poema? Quais apresentam maior destaque na narrativa? Dá para saber suas origens?
4. Aproximação dos enredos: A história do poema possui relação com a versão do livro didático? No que se parecem? No que são diferentes?
5. A visão do autor: O autor passa algum valor através do seu poema? Uma insatisfação com a justiça? Com a mudança de costumes? Uma preocupação com valores morais?

6. Avaliação:

A avaliação nesta proposta dar-se-á de modo contínuo, envolvendo a oficina como um todo, tendo em vista a valorização dos processos de produção e não apenas dos textos a serem produzidos como resultado final. Além dos textos escritos, a oralidade, marcante na poesia de cordel também ganha destaque, uma vez que constrói uma relação de transmissão e recepção.

7. Desenvolvendo habilidades de escrita:

Parte importante deste processo pode contar com a colaboração de um (a) professor (a) de Literatura. A escrita do cordel exige saberes específicos, logo, um estudo de seus recursos linguísticos, como também um estudo da composição das estrofes e da escansão dos versos facilitará de modo significativo a produção textual que envolva a escrita particular e a linguagem do cordel com os conteúdos aplicados em

sala de aula. Desta forma, os alunos serão orientados a escreverem em sextilhas ou septilhas, as conclusões sobre o tema estudado.

8. Socialização da aprendizagem:

Serão compartilhados os trabalhos, para que todos conheçam e percebam como os colegas buscaram responder as questões problemas e como os saberes adquiridos foram ressignificados e postos em narrativas em versos. Destina-se além de ouvir as opiniões, estabelecer conclusões, mobilizando novos saberes. Neste momento aberto e pensado para o compartilhamento de experiências, o texto escrito não é o único que importa. Recitar, dar voz ao corpo, os gestos falam e interagem com o ritmo da poesia, proporcionando experiência por sua vez enriquecedora para a formação e o desenvolvimento da percepção e da criatividade do aluno. Este momento de compartilhamento e socialização do conhecimento pode ser concretizado com a elaboração de um sarau temático, unindo o saber histórico à arte de recitar. Pode-se optar por outros espaços da escola, rompendo com a rotina da sala de aula. Também é adequado sugerir que pensem na criação e montagem de um cenário, recriando os ambientes onde se passaram as tramas, ou até mesmo seus personagens, mas com o cuidado de não reforçar estigmas cristalizados ao invés do reconhecimento de diferentes práticas culturais que não são estáticas. De todo modo, a intenção é trazer para os alunos os seus papéis de protagonistas, produtores de conhecimento, que colhem os frutos plantados no terreno fértil da imaginação e da criatividade.

4. PROPOSTA DE OFICINA: O CANGAÇO

1. Duração:

6 horas aula.

2. Apresentação do tema:

Em meio às tensões sociais que perpassaram a transição do Império para a República, insurgem os grupos bandoleiros armados, fenômeno que no decorrer de sua existência, passou a ser chamado de cangaço. É uma das temáticas mais marcantes na História do nordeste brasileiro. Caracteriza-se assim como um dos fenômenos que ganhou uma dimensão simbólica na representação da região e de seus habitantes, estando assim estampado na gestada cultura nordestina, assim como também no imaginário popular e na memória.

A proliferação de bandos de cangaceiros no nordeste é marcada também pela crise das elites nordestinas e a ascensão das elites do sul em um quadro político nacional nas últimas décadas do império, o que vem a colaborar para um aumento das tensões regionais, mediante seus interesses particulares. Já o fim do fenômeno pode ser situado no processo de centralização político-administrativa imposta pelo governo Vargas.

A imagem do cangaço e dos cangaceiros passa a ser ressignificada a partir da década de 60. Nota-se que as narrativas memorialísticas e interessadas que corroboraram para a construção de uma visão estritamente negativa do cangaço, como no trabalho do jornalista Érico de Almeida, *Lampeão*, primeira biografia sobre Lampião patrocinada pelo governo de João Suassuna em (1926), vão dando espaço às interpretações que enxergam as causas do cangaço na própria estrutura social. Destacam-se nesta nova perspectiva, os trabalhos de Eric Robsbawm, *Rebeldes e Primitivos* (1970), *Bandidos* (1976), e *Cangaceiros e Fanáticos*, de Rui Facó, (1963), que sob orientações do campo da emergente história social, rescreveram atribuindo outros significados ao cangaço e aos cangaceiros, servindo também de suporte para trabalhos posteriores.

Se antes estes eram apenas criminosos, passam a ganhar espaço e repercussão no meio acadêmico e nos estudos sociais e históricos. Esta noção do cangaceiro como justiceiro,

ativista e representante da luta contra as injustiças, foi a imagem que passou a vigorar, especialmente a partir das interpretações dos autores marxistas.

Assim, a representação construída do cangaço e dos cangaceiros assume um caráter multifacetado. Para muitos, construiu-se uma imagem de cangaceiros que representavam o confronto com os coronéis - ricos e latifundiários. Passaram a ser enxergados com qualidades ideais, como valentes, justiceiros e defensores da população pobre, diferenciando-se da visão que caracteriza os cangaceiros apenas como malfeitores perversos.

De fato, as transformações no sistema político, não representam uma ruptura em sua totalidade, uma vez que a máquina estatal nunca saiu das mãos das elites (sobretudo agrárias antes dos processos de industrialização) e as desigualdades existentes possuem suas raízes no terreno destas construções históricas. O contexto social, o qual muitos dos sujeitos que optaram pelo cangaço como meio de vida, é marcado por problemas da própria estrutura econômica, cultural e social, fruto do colonialismo, da estrutura fundiária, do escravismo, da violência estatal e, sobretudo de uma cultura política, que deixam suas marcas no cotidiano.

No entanto, que professor (a) de História não queira estabelecer um modelo explicativo mostrando a visão construída de que a entrada para o cangaço apresenta uma justificativa em detrimento das desigualdades sociais. Vale salientar que a compreensão da temática é um campo amplo de possibilidades. As narrativas construídas sobre o cangaço são variadas, construídas sob óticas diversas que não podem ser compreendidas fora de sua multiplicidade.

Cabe destacar também a relação com outros sujeitos históricos, como por exemplo, os coronéis, uma vez que cangaceiros e coronéis mantinham uma relação de pactos e rupturas. “O cangaço poderia ser ao mesmo tempo o terror e a força dos coronéis, tendo em vista que em sua maioria eram os latifundiários, quem patrocinavam a máquina de guerra dos cangaceiros” (SARMENTO, 2017, p 25). O coronelismo pode ser entendido neste sentido, como “forma de exercício do “poder local”, relacionado com outras instâncias do poder construído, quais sejam: a estadual e a federal”. (FORTUNATO, 2008, p 17). Tanto que o período maior desta política característica é conhecido e representado no livro didático como Primeira República, República do Café com Leite ou até mesmo Repúblicas dos Coronéis, entre 1889 e 1930.

As disputas locais efervesciam, o clientelismo e o mandonismo vigoravam na política autoritária dos coronéis, o que muitas vezes levava ao estabelecimento de relações entre estes dois grupos na garantia de interesses comuns ou trocas de favores.

O cangaceiro que ficou mais conhecido na história foi “Lampião”, atuante no século XX. Porém, no cangaço pode ser estudada a atuação de outros grupos e atores sociais de papel não menos importante, assim como também é relevante a busca de narrativas que enfatizem a participação das mulheres no cangaço.

O cangaço foi muito mais do que Jesuíno Brilhante, Antônio Silvino, Corisco e Dadá e Lampião e Maria Bonita. Diante disto, cabe pensar outros sujeitos históricos e outros espaços de vivência. A título de exemplo, cabe destacar a atuação de Chico Pereira, no sertão paraibano, que na maioria das afirmativas, entrou para o cangaço após vingar a morte de seu pai, vivendo deste modo entre os anos de 1922 e 1928. Sobre este personagem, foi publicado em 1960, o livro *Vingança, não: depoimentos sobre Chico Pereira e Cangaceiros do nordeste*, um projeto memorialista empreendido por seu filho Francisco Pereira Nóbrega. Em 2017, tendo a referida obra como fonte de análise, o então personagem é estudado no livro *Nas Redes das Memórias: As múltiplas faces de Chico Pereira*, fruto do trabalho monográfico que viria a se tornar livro do jovem pesquisador Guerhansberger Tayllow Augusto Sarmiento.

É na intenção de aproximar a realidade do aluno em uma linguagem compreensível, e de pensar também outros atores sociais e espaços de vivência que nos propomos a trabalhar com a literatura de cordel. O cangaço se materializa nesta proposta, a partir dos folhetos, *o massacre de angico: A morte de lampião e o fim do cangaço*, de autoria do poeta Paulo Moura, já mencionado no capítulo anterior; e *A chegada de Lampião no Inferno*, de José Pacheco da Rocha.

Os cordéis estão disponíveis em anexos. Suas capas estão ilustradas uma com um desenho em preto e branco que se assemelha a uma xilogravura, e a segunda com uma fotografia em preto e branco. O último mencionado traz na capa a fotografia das cabeças cortadas de Lampião e seu bando, depois do assassinato na Fazenda Angicos, município de Piranhas, entre Alagoas e Sergipe, em agosto de 1938. Poucos dias depois do acontecimento marcante, esta imagem entrou em circulação e passou a ser reproduzida e difundida ao longo do século XX.

3. Objetivos

Geral:

- Despertar o interesse pela literatura de cordel, promovendo o incentivo à leitura e a escrita, atrelada à construção de saberes históricos na sala de aula, tendo o cangaço como tema de estudo.

Específicos:

- Promover o incentivo à leitura no ensino de História através da literatura de cordel
- Estabelecer um diálogo, uma articulação entre a História e a Literatura de cordel na sala de aula.
- Promover atividades didático-pedagógicas que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos de História, trabalhando o estudo do cangaço por meio da literatura de cordel.
- Orientar a produção de cordéis autorais relacionados aos conteúdos escolares tendo o cangaço como temática norteadora.
- Promover a valorização do texto oral e da arte de recitar atrelada ao conhecimento histórico.

4. Recursos utilizados

Livro didático disponível na escola. Folheto de cordel: *O massacre de angico: a morte de lampião e o fim do cangaço*. Autor, Paulo Moura; folheto de cordel *A chegada de Lampião no Inferno*, de José Pacheco da Rocha.

5. Metodologia

Ativação dos conhecimentos prévios:

Inicia-se com um primeiro momento de diálogo em que os conhecimentos prévios a englobar o universo do cordel e temática da aula, são ativados; ressaltando que o cangaço é um tema marcante na Literatura de cordel. Cabe questionar: o que entendem como cangaço? Conhecem outro cordel, texto, música ou filme que fale sobre o cangaço? Qual a visão que estes passam? Deste ponto, os alunos buscarão estabelecer as primeiras relações mediante a leitura da capa e do folheto.

6. Aplicação do tema:

Partindo do conteúdo escolar, os folhetos a serem utilizados na oficina pedagógica são apresentados. Enfatiza-se, neste ponto, a leitura das capas. O que representa? Como esta capa está ilustrada? Qual a intencionalidade?

Em seguida do conteúdo da narrativa. O questionamento em torno das ilustrações e a leitura do folheto proporcionará um espaço de interação, dando continuidade, busca-se problematizar o conteúdo do folheto selecionado e da imagem ilustrada, relacionando com o conteúdo aplicado em sala de aula. É neste momento que as questões elaboradas no item metodologia serão postas em discussão.

7. Problematização

A leitura coletiva facilita a percepção do ritmo do poema. Com aceitação e entusiasmo, as narrativas são mais bem assimiladas, e desta apropriação se parte para o debate. Primeiro o contato com as capas, na intenção de ir além da descrição de seus elementos compositivos. Como o folheto foi ilustrado? O que ela representa? Qual a relação dada com o conteúdo da narrativa? Qual terá sido a intencionalidade do autor ao escolher esta imagem como ilustração?

Aprofundando no poema, busca-se a compreensão de registro e interpretação de dado contexto histórico. Qual a visão que o cordel passa do contexto político da época em que aconteceu o evento? Como dá a entender a realidade social daquele período? O meio de vida? O cotidiano, a cultura? Como podemos comparar a narrativa do cordel com a versão que o livro didático traz sobre o mesmo tema?

8. Avaliação

A avaliação será contínua, envolvendo todas as etapas da oficina pedagógica. Estas possuem importância equivalente no desenvolvimento das atividades. Para facilitar a produção textual dos alunos é fundamental que também seja discutida a estrutura poética do cordel, tipos de estrofe, rima, métrica, trabalhar a escansão dos versos, entre outros recursos empregados,

assim como também enfatiza a arte de recitar, compartilhando as produções em um recital organizado pelos alunos em um sarau temático.

9. Socialização da aprendizagem

As produções textuais serão compartilhadas em um recital. A oficina pode ser finalizada com um sarau temático, no caso específico pensando o fenômeno do cangaço, em que resultados serão expostos e compartilhados. Pode partir dos próprios alunos a ideia de criar um cenário, de ornamentar e/ou escolher outro espaço alternativo à sala de aula. A montagem de um cenário e da representação dos personagens deve antecipar um exercício de pesquisa que aponte: quais as características climáticas e geográficas do ambiente onde ocorreram as tramas estudadas? As condições de vida, os meios de sobrevivência e adaptação às condições? Os artefatos manuais? Assim como suas vestimentas e, sobretudo, o que estes elementos representaram e representam na dinâmica cultural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É impressionante como um livreto, simples para muitos, na verdade é demasiadamente rico de possibilidades de se adquirir e produzir novos conhecimentos. A literatura de cordel conduz a um campo amplo de pesquisas. Pesquisas que também direcionam a outras perspectivas para com a prática docente. Seus enredos variados, sua linguagem visual, seus recursos poéticos, a oralidade que se faz presente, são eficazes em sala de aula em diferentes áreas do saber.

O poema germina na mente, sai da boca do poeta, e a voz pintada passa a habitar as páginas dos folhetos de cordel. Deste ponto, sua viagem continua, registrando o cotidiano e o imaginário em diferentes contextos históricos. Suas narrativas em versos são facilmente memorizadas e assim o conteúdo pode ser mais bem apreendido, além de se ter o contato com novas linguagens e saberes, no tocante ao aluno.

Nesta pesquisa, vimos como o trajeto do cordel pode seguir outras rotas, e assim ser conduzido para a sala de aula, concretizando-se em uma proposta de intervenção que proporcione o melhoramento das práticas de ensino. O texto literário, especialmente a literatura de cordel, como linguagens inseridas no ensino de História, tendo em vista o diálogo estabelecido entre estas duas narrativas, trazem uma forma prazerosa e eficaz de ensinar e aprender, valorizando o protagonismo do aluno na construção do seu conhecimento, além de promover o contato com uma linguagem artística, motivando a experiência de apreciar e também criar.

O cordel registra a história pela lente sensível do poeta, que por sua vez também é carregada de sua mentalidade, não desvinculando de valores construídos socialmente, documentando também aspectos mais subjetivos. Suas narrativas apresentam um grande e variado repertório de possibilidades, levando para a sala de aula outras visões dos fatos e eventos, fazendo também com que se percebam que outros atores sociais foram postos, por sua vez, à margem da história oficial. Visões que dialogam com outros espaços de vivência e aproximam o conhecimento com a realidade e linguagem do aluno, que, no entanto, não são postas no livro didático.

A poesia na sala de aula proporciona o gosto pelo aprendizado, e faz da leitura uma experiência agradável, estimulando a formação de futuros leitores autônomos na busca pelo

conhecimento. A sensibilidade do aluno também é valorizada, de modo que este desenvolva um novo olhar e perspectiva. Deste novo olhar também pode surgir um artista, que possivelmente irá lançar-se na intencionalidade de plantar a semente de sua arte, na rua, no palco, ou quem sabe na escola.

Concluir este trabalho não é por um ponto final. Todavia, é de grande orgulho chegar até aqui, pois este momento representa uma passagem muito importante. Deste ponto, a caminhada segue, e meus passos ficaram registrados nesta pesquisa para quem queira se inspirar nesta trajetória.

Mais do que uma pesquisa acadêmica, este trabalho é uma transcrição de parte de uma vivência, do trabalho com a poesia e do contato com a escola. De um olhar sensível, que como uma pequena chama, pode expandir e acender outros sujeitos. Como ação, ela oferece uma proposta que busca possibilidades de intervenção no espaço escolar, direcionada especificamente para professores de História comprometidos com a renovação das práticas de ensino.

Se tratando dos textos literários, podemos concordar que são recursos dos mais eficientes no Ensino de História. Aqui foi realizada uma proposta com a Literatura de Cordel, no entanto, outras linguagens podem ser utilizadas na construção de oficinas pedagógicas. Cabe a ousadia de experimentar e respeitar a altivez do aluno, partir da sua realidade para a relação com o conteúdo escolar, pois só assim este ganha sentido.

Espero que tenha apreciado. Aqui nos despediremos, mas é válida a possibilidade de um reencontro. A caminhada segue, e é sabido que irei encontrar dificuldades e desafios na vida de professor. Mas sigo na confiança de que estes obstáculos “passarão... eu, passarinho” (QUINTANA, 1978).

REFERÊNCIAS

ABREU, Marcia Azevedo de. **Cordel Português/ folhetos nordestinos: confrontos, um estudo histórico-comparativo.** Tese de doutoramento, Campinas, 1993.

ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História.** São Paulo: Cengage, Learning, 2013.

ALMEIDA, Érico de. **Lampeão.** João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

BITENCOURT, Circe Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2008.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História ou o ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo na poesia.** São Paulo: companhia das letras, 2000.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CURRAN, Mark J. **História de Brasil em Cordel.** 2. ed. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História.** 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FORTUNATO, Maria Lucinete. **O conceito de coronelismo e a imagem do coronel: de símbolo a simulacro do poder local.** Campina Grande: EDUFCEG, 2008.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, Sons e Ritmos.** São Paulo: Ática, 2000.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. A literatura de cordel na sala de aula. In: ABREL, Martha; SOIHET, Rachel. (orgs). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia.** Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003.p 116-125.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão a sala de aula.** São Paulo: Paulus, 2013.

HOBSBAWN, E.J. **Rebeldes primitivos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

_____ **Bandidos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villança. **O texto na construção dos sentidos.** São Paulo: Contextos, 2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar.** São Paulo: Cortez, 2012.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: fotografia e história interfaces.** Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso**: trajetórias da literatura de cordel. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jathy. **História & Literatura**: uma velha-nova história. História Cultural do Brasil - Dossiê História Cultural do Brasil, 2006. Disponível em: <http://nuevo.mundo.revues.org/1560>. Acessado em: 18 de abril de 2016.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: duas cidades, 2001.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia em sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

QUINTANA, Mário de. **Prosa & Verso**. Porto Alegre, Editora do Globo, 1978.

RODRIGUES FILHO, José. **Imagem em perspectiva**: memória e poder na Literatura de Cordel. Cajazeiras, 2017.

SARMENTO, Guerhansberger Tayllow Augusto. **Nas redes das memórias**: as múltiplas faces do cangaceiro Chico Pereira. Natal: Sebo Vermelho, 2017.

Folhetos consultados

BARROS, Leandro Gomes De. **História do Boi Misterioso**. s/d.

BARROS, Leandro Gomes De. **Peleja de Manoel Riachão com o Diabo**.s/d.

BATISTA, Hamurábi. **A História do Cangaço**. Cordel Expresso.s/d.

BATISTA, Hamurábi. **A História do Capitalismo**. Cordel Expresso. s/d.

DANTAS, Janduhi. **O misterioso atentado ao Bispo de Cajazeiras**. Juazeirinho, PB, 2.ed. 2015.

MOURA, Paulo. **O Massacre de Angico** a morte de Lampião o fim Cangaço. s/d.

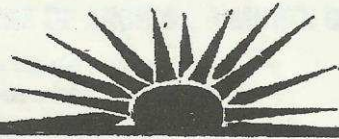
Fevereiro 2015.

ROCHA, José Pacheco da. **A chegada de Lampião no Inferno**.s/d.

SANTOS, Francisco de Assis dos. **Os apelidos no cangaço transmitidos nesse cordel encantado**. s/d.

SILVA, Minelvino Francisco da. **ABC dos tubarões**.s/d.

ANEXOS



**O MASSACRE
DE ANGICO
A MORTE DE LAMPIÃO**

O FIM DO CANGAÇO



Autor: Paulo Moura



**O MASSACRE
DE ANGICO
A MORTE DE LAMPIÃO
O FIM DO CANGAÇO**



Autor: Paulo Moura

O MASSACRE DE ANGICO - A MORTE DE LAMPIÃO

Das estórias do passado
De um povo herói, nordestino
Vou contar a trajetória
Da morte de Virgulino
Que tombou com a cabroeira
E sua fiel companheira
Selando ali seu destino

Traição, Amor e Ódio
Num solo tão forte e rico
E quando eu conto essa estória
Mais estarecido fico
Leitor, leia com atenção:
A Morte de Lampião,
O Massacre de Angico.

Acochado na Bahia
Foi pras terras sergipanas
No Raso da Catarina
Passara mais de semana
Perdido pelo deserto
Sendo seguido de perto
Pela volante baiana.

Muita sede, muita fome,
Passou naquele deserto,
Mas sua estrela brilhava
E encontrou o rumo certo
Matou da sede a vontade
Chupando as 'Crôas de Frade'
Que encontrava ali por perto.

Já no lado de Sergipe
Viveu muita regalia
Nas margens do São Francisco
Tinha tudo o que queria
Dividiu o grupo em oito
E se instalou em um coito
Vivendo de mordomia.

Chegou até ser filmado
Por Benjamin Abraão
Um Turco, ex-secretário
Do Padre Cicho Romão
Que com a ânsia de enricar
Passou um mês a filmar
O bando do Capitão.

Mas, dizem que "Toda História
Tem começo, meio e fim",
E com o Rei do Cangaço
Também ocorreu assim.
Lampião rico, abastado,
Vivia sempre cercado
De gente boa e ruim.

Um homem de confiança
Pedro Cândido, coiteiro,
Na cidade de Piranhas
Tinha a função de olheiro,
Vivia sempre em ação
Levando pro Capitão:
Arma, comida e dinheiro.

Pedro também tinha um mano
Que se chamava Durval
Os dois iam pra Piranhas
Carregar material
E, dizem, ninguém garante,
Iam pagar a volante
Uma quantia mensal.

Muita volante valente
Perseguia os marginais
Visando ali os valores
Que levavam nos bornais.
Virgulino, Inteligente,
Comprava então, muita gente
Pra, que lhes deixasse em paz.

O governo de Getúlio
Forçou a perseguição
E a indústria do cangaço
Foi entrando em depressão
O poder executivo
Não encontrava motivo
Pra aquela situação

Apertaram coronéis
Que acoitavam bandidos
Oficiais das volantes
Se viram persuadidos
A dar um ponto final
Naquele terrível mal
Por tantos anos sofridos

Só existiria um modo
De prender o Capitão
Envenenar seu repasto
A custa de traição
Pois na batalha se via
Que ninguém conseguiria
Dar cabo de Lampião.

E foi mesmo o que fizeram,
Pra dar cabo do bandido,
Pedro Cândido foi preso,
Interrogado e agredido,
Depois de muito apanhar
Pedro teve que falar
Onde ele estava escondido.

E o Tenente João Bezerra
Foi o chefe da volante
Que junto com Aniceto
Levaram o plano adiante
Pra compor a cabroeira
Mandaram chamar Ferreira
Que era um bravo Aspirante.

Mandaram Pedro Levar
Já pro coito, de noitinha,
A Comida envenenada
- E de todo tipo tinha -
Envenenaram o café
A carne seca e até
Uma saca de farinha.

Quando a comida chegou
O bandido Zé Sereno
Notou em uma garrafa
Um buracinho pequeno
E reclamou: - Capitão!
Não coma essa refeição,
Que tá cheia de veneno!

Mas Lampião confiava:
- Faço muita fé in Pêdo!
Pode provar da comida,
E pode beber sem medo!
Pêdo Cândio é meu cumpade
Cum nós num tem falsidade,
Nem mardade, nem segredo.

Lampião já planejava
No outro dia seguir
Estava muito cansado
Sem coragem para agir
Foi pena não ter sabido
Que estava sendo traído
E ia morrer sem fugir.

Essa atitude covarde
Pedro não pôde evitar
Pois já tinha um soldado
Pronto para lhe sangrar
Mas, mesmo com covardia,
Lampião não merecia
Ter morrido sem lutar

A força cercou a gruta
De Angico em todos os lados
E às quatro da matina
Todos foram metralhados
Quase ninguém reagiu
E quem pôde, só fugiu
Porque já estava acordado.

Elétrico, Mergulhão,
Moeda, Enedina e Mangueira,
Caixa de Fósco, Luiz Pedro,
Cajarana e Quinta Feira,
Não lutaram, não fugiram
E nem sequer reagiram
Ao cerco da cabroeira.

Maria Bonita caiu
Ao lado de Lampião
Que jazia num lajedo
Com um tiro no coração.
Ali, tristeza e agonia,
Virgulino e sua Maria
Soberanos do Sertão.

A Rainha cangaceira
Teve o corpo violado
Com um talo de macambira
Que introduziu-lhe um soldado
Outro então lhe degolou
Nesse triste ato mostrou
Ser um bandido fardado.

A sanha vindicativa
Da volante intransigente
Não conhecia limites,
Nem bondade, nem patente.
A ordem foi saquear
Cortar cabeça e roubar,
Não era mais indecente.

Depois daquela façanha
O cangaço se acabou
Na promessa de anistia
Um e outro se entregou
Somente o bravo Corisco
Não querendo correr risco
Pra outro estado mudou.

Corisco, sem a firmeza
E a força de Lampião
Passou dois anos ainda
A percorrer o sertão
com Dadá, sempre fugindo
Foi preso por Zé Rufino,
E morto na ocasião.

O cangaço nordestino
Alcançou notoriedade
Através de Virgulino
Homem forte de verdade
Que matou pra não morrer
E para, enfim, proteger
Não mais que a integridade.

Os crimes que cometeu
Foram os mesmos da volante
Saque, roubo, atrocidades,
No sertão, era constante
Por inversão de papéis
Até mesmo os coronéis
Agiam quais meliantes.

...E reinou absoluto
Virgulino, Lampião
Foi o maior bandoleiro
Das Caatingas do sertão
E a pergunta que não cala,
De vez em quando alguém fala:
- Foi Herói ou foi Vilão?

E assim acaba a história
Do cangaço nordestino
Foi cercado, foi traído.
Cumpriu ali seu destino
No "Riacho das Perdidas"
Sem lutar, perdeu a vida
O Capitão Virgulino.

A luta de Virgulino
Nos deixa grande lição:
Sinônimo de resistência,
Coragem, força e ação.
Naquela terra sofrida
Levava vida bandida
Mas foi Herói do Sertão!

UMA HISTÓRIA DE TRAIÇÃO, AMOR E ÓDIO

"O Massacre de Angico - A Morte de Lampião" em Corbet faz uma narrativa dos últimos momentos dos cangaceiros chefiados por Lampião, quando se deslocavam atravessados no rio de um riacho seco, na fazenda em Angico, Sertão de Sergipe, onde o cangaço Lampião foi massacrado juntamente com mais dez companheiros entre eles, seu amado, Manoel Batista, no dia 28 de julho de 1938.

0

UMA HISTÓRIA DE TRAIÇÃO, AMOR E ÓDIO

“O Massacre de Angico - A Morte de Lampião” em Cordel faz uma narrativa dos últimos momentos dos cangaceiros chefiados por Lampião, quando se achavam arranchados no leito de um riacho seco, na fazenda em Angico, Sertão de Sergipe, onde o Cangaceiro Lampião foi massacrado juntamente com mais dez companheiros, entre eles, sua amada, Maria Bonita, no dia 28 de julho de 1938.

LITERATURA DE CORDEL

A CHEGADA DE LAMPÃO AO INFERNO



LITERATURA DE CORDEL
Autor: JOSÉ PACHECO

A CHEGADA DE LAMPIÃO AO INFERNO

Um cabra de Lampião
Por nome de Pilão deitado
Que morreu numa trincheira
Em certo tempo passado
Agora pelo sertão
Anda correndo visão
Fazendo mal-assombrado

E foi quem trouxe a notícia
Que viu Lampião chegar
O inferno nesse dia
Faltou pouco pra virar
Incendiou-se o mercado
Morreu tanto cão queimado
Que faz pena até contar

Morreu a mãe de Canguinha
O pai de Forrobodó
Três netos de parafuso
Um cão chamado Cotó
Escapuliu Boca Ensossa
E uma moleca moça
Quase queimava o "toto"

Morreram 100 negros velhos
Que não trabalhavam mais
Um cão chamado Trás-cá
Vira-volta e Capataz
Tromba Suja e Bigodeira
Um cão chamado Goteira
Cunhado de Satanás.

Vamos tratar da chegada
Quando Lampião bateu
Um moleque ainda moço
No portão apareceu
- Quem é você, cavalheiro?
- Moleque eu sou cangaceiro
Lampião lhe respondeu.

- Moleque não, sou vigia!
E não sou seu "pariceiro"
E você aqui não entra
Sem dizer quem é primeiro...
- Moleque, abra o portão
Saiba que eu sou Lampião
Assombro do mundo inteiro"

Então, esse tal vigia
Que trabalha no portão
Dá pisa que voa cinza
Não procura distinção
O negro escreveu não leu
A macaíba comeu
Lá não se usa perdão.

02

O vigia disse assim:
Fique fora que eu entro
Vou conversar com o chefe
No gabinete do centro
Por certo ele não lhe quer
Mas conforme o que disser
Eu levo o senhor pra dentro.

Lampião disse: - Vá logo,
Quem conversa perde hora
Vá depressa e volte já
Eu quero pouca demora
Se não me derem ingresso
Eu viro tudo "asavesso"
Toco fogo e vou embora.

O vigia foi e disse
A Satanás, no salão:
- Saiba vossa senhoria
Que ai chegou Lampião,
Dizendo que quer entrar
E eu vim lhe perguntar
Se dou ingresso ou não?

- Não senhor, Satanás disse,
Vá dizer que vá embora
Só me chega gente ruim?
Eu ando muito caipora
Estou até com vontade
De botar mais da metade
Dos que tem aqui pra fora!

03

Lampião é um bandido
Ladrão da honestidade
Só vem desmoralizar
A minha propriedade
Mesmo eu não vou procurar
Sarna pra me coçar
Sem haver necessidade.

Disse o vigia: - Patrão
A coisa vai arruinar
Eu sei que ele se dana
Quando não puder entrar
Satanás disse: Isso é nada,
Convide aí a negrada
E leve o que precisar.

Leve três dúzias de negros
Entre homem e mulher
Vá na loja de ferragem
Tire as armas que quiser
É bom escrever também
Pra virem os negros também
Mais compadre Lúçifer.

E reuniu-se a negrada
Primeiro chegou Fuxico
Com um bacamarte velho
Gritando por Cão de Bico
Que trouxesse o pau da prensa
E fosse chamar Tangença
Na casa de Maçarico.

04

E depois chegou Cambota
Endireitando o boné
Formigueiro, Trupe-Zupe
E o crioulo Quele
Chegou Banzeiro e Pacaia
Rabisca e Cordão de Saia
E forma chamar Bazé.

Veio uma diaba moça
Com uma calçola de meia
Puxou a vara da cerca
Dizendo: - A coisa está feia
Hoje o negócio se dana,
E disse: - Eita, baiana
Agora a ripa vadeia.

E lá vai a tropa armada
Em direção do terreiro
Pistola, faca e facão
Cravinote e granadeiro
E um negro também vinha
Com a trempe da cozinha
E o pau de bater tempero.

Quando Lampião deu fé
Da tropa negra encostada
Disse: - Só na abissínia
Oh! Tropa preta danada
O chefe do batalhão
Gritou: - As armas na mão
Toca-lhe fogo, negrada!

05

Nesse hora ouviu-se tiros
Que só pipoca no caco
Lampião pulava tanto
Que parecia um macaco
Tinha um negro nesse meio
Que durante o tiroteio
Brigou tomando tabaco.

Acabou-se o tiroteio
Por falta de munição
Mas o cacete batia
Negro embolava no chão
Pau e pedra que pegavam
Era o que as mãos achavam
Sacudiam em Lampião.

- Chega, traga um armamento!
Assim gritava o vigia,
Trás a pá de mexer doce
Lasca os ganchos de Caria
Trás os birros de Macau
Corre, vai buscar um pau
Na cerca da padaria!

Lúcifer mais Satanás
Vieram olhar do terraço
Tudo contra Lampião
De cacete, faca e braço
E o comandante no grito
Dizia: - Briga bonita,
Negrada, chaga-lhe o aço!

06

Lampião pode pegar
Na caveira de um boi
Sacudiu na testa dum
Ele só fez dizer: - Oil
Ainda correu 10 braças
E caiu enchendo as calças
Mas eu não sei de que foi.

Estava a luta travada
Mais de uma hora fazia
A poeira cobria tudo
Negro embolava e gemia
Porém Lampião ferido
Ainda não tinha sido
Devido a sua energia.

Lampião pegou um checho
E o rebolou num cão
A pedrada arrebitou
A vidraça do oitão
Saiu um fogo azulado
Incendiou-se o mercado
E o armazém de algodão

Satanás com esse incêndio
Tocou num búzio chamando
Correram todos os negros
(Os que estavam brigando)
Lampião pegou a olhar
Não viu mais com quem brigar
Também foi se retirando.

07

Houve grande prejuízo
No inferno, nesse dia
Queimou-se todo o dinheiro
Que Satanás possuía
Queimou-se o livro dos pontos
Perderam seiscentos contos
Somente em mercadoria.

Reclamava Satanás:
- Horror maior não precisa
Os anos ruins de safra
E agora mais essa pisa
Se não houver bom inverno
Tão cedo aqui no Inferno
Ninguém compra uma camisa.

Leitores vou terminar
Tratando de Lampião
Muito embora que não possa
Vos dar a resolução
No inferno não ficou
No céu também não chegou
Por certo está no sertão.

Quem duvidar dessa estória
Pensar que não foi assim
Querer zombar do meu sério
Não acreditando em mim
Vá comprar papel moderno
Escreva para o inferno
Mande saber de Caim.



JOSÉ PACHÊCO DA ROCHA nasceu no município alagoano do Porto Calvo (ou Correntes-Pe, segundo alguns biógrafos) e faleceu, acidentado, aos 27 de abril de 1954, segundo informam José Alves Sobrinho e Átila de Almeida no seu "Dicionário Bio-Bibliográficos dos Repentistas e Poetas de Bancada". Foi o mais satírico e picaresco de todos os poetas populares.

Segundo o poeta José Costa Leite, que o conheceu pessoalmente, Pachêgo trajava-se elegantemente e era bastante divertido. Na verdade, pouco se sabe sobre o genial poeta. Neste folheto de 08 páginas "A CHEGADA DE LAMPIÃO AO INFERNO".

Ele é autor de outros folhetos igualmente satíricos como: "A MÃE DO CALOR DE FIGO, O CAÇADOR QUE FOI AO INFERNO e ENCONTRO DE LAMPIÃO COM A VELHA FEITICEIRA".